

A Cruz Vermelha Brasileira

Reportagem de ADALBERTO MÁRIO RIBEIRO

DESDE 1938 vimos publicando nesta revista reportagens sobre serviços a cargo do Governo Federal. Não chegamos a estabelecer programa para essas publicações, extensivas a todos os Ministérios. Mas de início tínhamos em vista limitá-las aos setores da administração federal. Esse, realmente, o nosso propósito. Entretanto, fomos de uma feita levados a tratar de obra estadual, escrevendo sobre a Rede Rodoviária Fluminense. De outra nos ocupamos do secular Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que, embora prestigiado pelos poderes públicos, é, como se sabe, organização de caráter privado.

Agora, pretendemos focalizar na *Revista do Serviço Público* outra instituição, criada por iniciativa particular e mantida com recursos advindos de várias fontes — a Cruz Vermelha Brasileira.

Se nos foi possível tratar aqui das estradas de rodagem fluminenses e escrever sobre a vida cultural da nobre instituição fundada em 1838 por Cunha Barbosa e Cunha Matos, só temos que nos felicitar ainda agora por conseguir novamente espaço para essa outra organização particular, a Cruz Vermelha Brasileira, à qual oferecemos contribuição semelhante, valendo-nos das notas colhidas pessoalmente em sua sede.

Convenhamos que nos sobram razões para interromper, pela terceira vez, a série de publicações sobre serviços federais.

De projeção nacional, transpondo algumas vezes as fronteiras do país, a nossa Cruz Vermelha é bem conhecida pelos benefícios que presta e, no entanto, de organização ignorada de muita gente, que lhe proclama e reconhece a benemerência, o que, afinal, não deixa de ser apreciável modalidade de incentivo e de confortadora emulação...

A par desse lisonjeiro reconhecimento, seria também louvável que o público compreendesse de forma mais exata os encargos e responsabilidades de nossas instituições particulares de assistência social.

Nem sempre dotadas de recursos financeiros suficientes, empenham-se elas em duas campanhas simultâneas: uma visando o bem estar alheio, e outra em que procuram prover-se a si mesmas de meios asseguradores à consecução desse nobre propósito.

Com perfeito equilíbrio em tais atividades, de certo que seria menos penoso velar pelos que sofrem ou precisam de amparo. Mas geralmente não se observa perfeito paralelismo nessas duas linhas de campanha, e daí resulta, como é fácil de depreender-se, lamentável dispersão de esforços dos responsáveis pela vida e manutenção regular das instituições que dirigem.

Seria injustiça afirmar-se que há indiferentismo entre nós por empreendimentos que dependem da ajuda parti-

cular. Seria. O que falta é, como já dissemos, perfeita compreensão de seus encargos e responsabilidades. Com arregimentação disciplinada de todas as forças capazes de amparar *permanentemente* as nossas instituições de assistência social, de iniciativa particular, outros de certo seriam os seus resultados. Por outro lado, não são freqüentes, agora, os legados em testamento a organizações dessa natureza. O patrimônio da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, por exemplo, foi conseguido, em grande parte, de donativos e legados de negociantes portugueses, em outros tempos. Hoje essas generosas contribuições tornaram-se escassas, senão mesmo raras. Natural. Atualmente o Rio conta com várias instituições de socorros mantidas pela grande colônia amiga e nas quais são beneficiados, indiferentemente, portugueses e brasileiros. O que nos falta, sobretudo, é o que sobra nos Estados Unidos: as grandes fortunas, os milionários que custeiam em vida ou deixam em testamento recursos para manutenção de hospitais ou realização de campanhas sanitárias de larga projeção, que chegam até a estender-se a vários países estrangeiros, como as subvencionadas pela grande fundação Rockefeller, a que o Brasil já tanto deve.

Enquanto, porém, não chegarmos à situação dos Estados Unidos, pensemos em congregar melhor os esforços, a boa vontade dos que podem e desejam ser úteis à comunidade, só faltando despertá-los um pouco, a exemplo do que, em Pernambuco, está fazendo o interventor Agamenon Magalhães. Na extinção dos 45 mil mocambos de Recife, vem ele se valendo também das contribuições solicitadas aos usineiros do Estado para ajudá-lo a construir, em substituição a esses casebres miseráveis, vilas confortáveis para operários.

A questão está em saber *despertar* os que podem contribuir. Depois, então, passado o primeiro susto do beliscão inicial, que deve ser pespegado sempre com o melhor dos sorrisos, através de circular ou de amável e inteligente emissário especial, como faz o interventor de Pernambuco, os beliscados ficam até satisfeitos, só em experimentar os encantos do altruísmo... A questão está — acentuemos mais uma vez — na forma de dar-se o cordial beliscão.

A nossa Cruz Vermelha, a Casa de Santa Inês, na Gávea, a Pro Matre, etc., devem pensar sempre em manter em dia o auxílio dos que lhes podem ser úteis, e não os deixar esmorecer, avivando-lhes o valor das suas contribuições permanentes ou temporárias. Não custa. Agora digamos, parodiando certas publicações: "Para mais informações, escreva para... Recife — Palácio Presidencial".

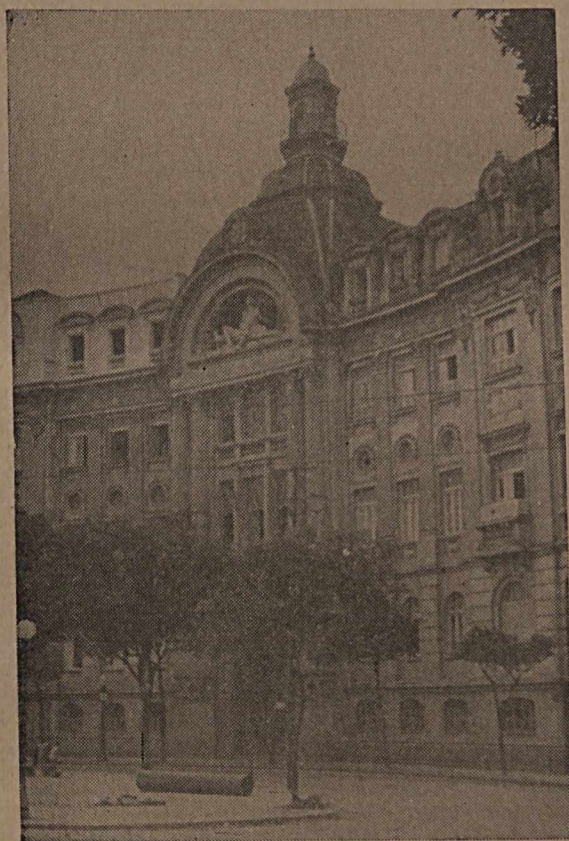
Quanto à Cruz Vermelha, particularmente, só nos cabe oferecer-lhe, como repórter, esta insignificante achega através da *Revista do Serviço Público*, na qual vamos des-

crever-lhe as atividades, na expectativa de que possa o nosso modesto relato transformar-se também em cordial e amistoso beliscãozinho para muitas pessoas simpatizantes da benemérita instituição presidida pelo boníssimo general Ivo Soares, mas que ainda não despertaram...

UM POUCO DE JORNAL FALADO...

Secretário de jornal ou redator-chefe não gostam de "jornal falado"... Preferem receber silenciosamente de seus auxiliares, repórteres ou colaboradores, os originais para publicação, sem outros esclarecimentos que aqueles já contidos nas reportagens, notas ou artigos elaborados.

Em nossas reportagens, porém — referimo-nos às destinadas à *Revista do Serviço Público* — gostamos do "jornal falado", na vigência de sua elaboração e até ao momento da entrega dos originais ao Diretor da Revista.



Sede da Cruz Vermelha no Rio de Janeiro.

E, no fim, nosso trabalho passa a ser curiosa colcha de retalhos de colaboradores os mais diversos. Não escreveram eles uma só linha, mas *falaram*, o que é essencial. Só nos cabe aproveitar e dispor convenientemente o que nos disseram, encaixando nos lugares adequados suas informações ou esclarecimentos, de modo a permitir certa unidade ao trabalho.

Se, portanto, os nossos trabalhos são minuciosos, deve-se essa apresentação a êsses colaboradores do repórter conversador...

SUGESTÃO APROVEITADA

Quando em janeiro de 1943 publicamos aqui nossa reportagem sobre *A Escola Ana Nery*, dias depois recebíamos da senhorita Lea Marina Rodrigues de Souza amável sugestão para escrevermos trabalho semelhante sobre as enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira. E, desde então, passamos a considerar a possibilidade de fazê-lo, esperando apenas momento oportuno, no qual levávamos muito em conta a precedência de reportagem sobre outra instituição particular. E a tivemos, afinal, com a referente ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, conforme acen-tuamos no início d'êste trabalho.

Mas Lea Marina não nos esquecia e, levada pela simpatia e saudade de seu tempo de samaritana na Cruz Vermelha Brasileira, lembrava-nos de vez em quando a reportagem prometida...

Sentimos, porém, não haver a dedicada discipula de Florence Nightingale atendido à solicitação que lhe fizemos para figurar também aqui em instantâneo, como outras colegas suas da Cruz Vermelha o fizeram. Devemos-lhe, no entanto, a idéia de elaboração do presente trabalho, o que, aliás, consignamos com muito prazer.

FUNDAÇÃO DA CRUZ VERMELHA INTERNACIONAL

Por iniciativa de Henry Dunant, no ano de 1863, foi fundado em Genebra um Comité Internacional da Cruz Vermelha, sendo escolhida a Suíça para sua sede por ser um país neutro. Além de Henry Dunant, foram fundadores da Cruz Vermelha: Gustavo Mounier, Luiz Appia, Teodoro Mauncir e o General G. H. Dufour. Henry Dunant teve essa idéia depois de ter sido testemunha dos sofrimentos dos feridos na batalha de Solferino, em 1862.

O Comité é composto exclusivamente de cidadãos suíços e é o depositário dos princípios fundamentais da Cruz Vermelha. Tem a faculdade de reconhecer as sociedades congêneres criadas em outros países em virtude da Convenção de Genebra de 1864 de que êsses países são signatários. Durante o período de guerra, a Cruz Vermelha Internacional é, dada a sua neutralidade, a intermediária nas relações entre os prisioneiros de guerra, quer civis ou militares, além dos refugiados e outras vítimas da guerra e, no tempo de paz, assiste e presta socorros em casos de calamidades nacionais e internacionais.

Existem espalhadas pelo mundo 63 instituições de Cruz Vermelha que se filiam em uma sociedade internacional denominada Liga de Sociedades de Cruz Vermelha. Diversas são as missões do Comité Internacional da Cruz Vermelha especialmente quanto ao de agrupar as sociedades. Atinge a 63 o número de Sociedades de Cruz Vermelha filiadas à Liga, sendo as dos Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Itália e Japão as primeiras que se filiaram, conforme atos datados de 5 de maio de 1919.

A Cruz Vermelha Brasileira filiou-se em 17 de junho de 1919.

A Cruz Vermelha Internacional compreende as Sociedades Nacionais, o Comité Internacional da Cruz Vermelha e a Liga das Sociedades de Cruz Vermelha, sendo a mais alta autoridade deliberante a Conferência Internacional. Tôdas as sociedades nacionais de Cruz Vermelha,

criadas nos moldes estabelecidos pela Convenção de Genebra, se agrupam em uma federação denominada Liga de Sociedades da Cruz Vermelha, com sede também em Genebra. A Liga de Sociedades da Cruz Vermelha tem por finalidade estimular e facilitar em qualquer ocasião a ação humanitária de Cruz Vermelha. É um órgão de harmonia, de coordenação e de estudos quanto à vida das sociedades a ela filiadas. Pode-se definir o seu programa em quatro setores distintos: ensino de higiene, instrução e atividade da enfermeira, Cruz Vermelha Juvenil e organização de socorros em casos de calamidade. Promove e organiza conferências regionais, onde são examinadas as questões em curso e discutidos assuntos que se prendem aos fins da Cruz Vermelha. As 63 Sociedades nacionais da Cruz Vermelha, o Comité Internacional da Cruz Vermelha e a Liga das Sociedades de Cruz Vermelha é que constituem o que se denomina Cruz Vermelha Internacional. Tem um emblema formado de uma Cruz Vermelha sobre um fundo branco, usado por todas as sociedades executadas as da Turquia, Egito e Iraque, que usam uma meia lua sobre fundo branco, o Irã um leão e um sol vermelhos sobre fundo branco. No mundo há 40 milhões de associados da Cruz Vermelha sendo metade de adultos e outra metade de jovens.

HISTÓRICO DA CRIAÇÃO DA CRUZ VERMELHA INTERNACIONAL

Sobre a criação e a obra realizada pela Cruz Vermelha, têm-se escrito diversas obras em vários idiomas sem levar em conta as conferências, discursos e trabalhos outros sobre o assunto.

O trabalho que em seguida vamos transcrever, de Elize Geinitz, constitui interessante histórico da criação da Cruz Vermelha:

"A fundação da CRUZ VERMELHA e a Convenção de Genebra foram idealizadas e transformadas em realidade por um homem que, à semelhança de outros famosos inventores, teve, depois da realização do seu ideal, a sorte de ficar quase esquecido e desconhecido de seus contemporâneos.

Atualmente, na época em que os benefícios da CRUZ VERMELHA aproveitam a centenas de milhares de indivíduos, poucos falam de Henry Dunant, o filantropo de Genebra, que impulsionou a grandiosa iniciativa do mais compassivo amor à humanidade.

Vale a pena esboçar os principais traços biográficos deste homem, cujo ardente coração e vigorosa mão fizeram desabrochar e vicejar uma das mais belas flores da humanidade.

Henry Dunant nasceu a 8 de maio de 1828 em Genebra. Descendia de uma distinta família patricia e recebeu esmerada educação e instrução, especialmente literária e científica. Algumas senhoras influenciaram fortemente sobre as tendências humanitárias do entusiástico mancebo — primeiramente sua mãe que, com amor magnânimo e ilimitada compaixão, se desvelava pelos infelizes; depois a autora da "Cabana do Pai Tomaz", Harriet Beecher Stowe, valente batalhadora pela extinção da escravidão; em seguida, a igualmente humanitária autora Florence Nightingale, que se revelou qual anjo salvador nos

sanguinolentos campos de batalha; finalmente, Elizabeth Fry, opulenta dama *quaker*, que dedicou sua vida e fortuna ao melhoramento da sorte dos criminosos cuja vida era horrorosa no começo do século 19, principalmente nos cárceres do continente.

Henry Dunant, seguindo esses exemplos, partiu para os campos de batalha da guerra Ítalo-Austríaca, em 1859. Como turista, viajou pela Itália, cheio das idéias de Miss Nightingale. Foi testemunha dos indescritíveis sofrimentos dos feridos, que, durante muitos dias, tinham por leito a terra nua.

Levando auxílio por toda parte, socorrendo, pensando os feridos, dando lenitivo aos moribundos extenuados pela dor e pelo exgotamento, era ansiosamente reclamado por todos; chamavam-no o homem de branco, como diz Charles Dickens, pela sua vestimenta branca durante o persistente calor. Organizou uma espécie de serviço auxiliar com a coadjuvação de mulheres camponesas. "Todos são irmãos", diziam as simples italianas, apontando para os austríacos e franceses, vítimas manchadas de sangue e com os membros dilacerados.

Depois da batalha de Solferino, onde trabalhou durante uma semana consecutiva, nas cidades de Castiglione e Bréscia, Dunant organizou o primeiro campo de enfermeiros voluntários, composto de soldados avulsos, turistas, condutores militares e senhoras auxiliares italianas.

Dunant, aceitando tudo quanto era útil e verídico, dizia: "A influência da mulher é valiosa para a saúde da humanidade; tal influência está destinada a fortalecer-se e crescer mais e mais de século para século". Foi ele, portanto, um dos primeiros a solicitar fervorosamente a constante colaboração das mulheres na vida pública, após a sua experiência deste benefício na batalha de Solferino. As terríveis impressões que lhe produzia o estado miserável dos feridos ali, ditaram o seu impulsivo trabalho: "Recordação de Solferino", que, semelhante a uma bomba, chocou o coração dos amigos da humanidade.

Neste trabalho Dunant propôs a criação de um serviço voluntário de assistência ou socorro para asilo e tratamento dos soldados feridos, salientando ao mesmo tempo a idéia de que em tal ato não se faria diferença entre amigo e inimigo. Esta bela idéia percorreu o mundo constituindo a semente de um ato nobre: mitigar as cruéis consequências do ódio e da cólera neste mundo, em troca de uma profunda compaixão.

Entre outros personagens interessou-se pela idéia a Condessa Agenor de Gasparini, de Genebra, que, logo após uma alocução de propaganda em Milão, enviou à Lombardia enfermeiros voluntários. Estimuladas por tal exemplo, aderiram outras senhoras de distinção, entre as quais as Condessas Julia Taverna e Verrì Borromèo, que durante meses permaneceram prestando serviços junto ao leito dos feridos, como verdadeiros anjos da guarda; foram estas as primeiras que na Itália se esforçaram para a organização da comissão permanente.

A simpatia das senhoras de Milão foi para Dunant o primeiro e mais animador incentivo e estímulo; elas instigaram-no a persistir sem tréguas nos seus planos filantrópicos.

Os mais eminentes literatos da época: Victor Hugo, Ernest Renan, Emile Girardin, Charles Dickens, etc., entusi-



Sede provisória da Cruz Vermelha Brasileira e da Escola de Enfermeiras, por ocasião da inauguração em 3 de maio de 1917.

asmaram-se pelas propostas de Dunant, as adotaram e divulgaram.

A "Sociedade de Utilidade Pública" de Genebra, pôs em execução os seus planos organizando a intitulada "Comissão Internacional" cujos mais vigorosos sustentáculos eram o general Dufour, presidente, e príncipe Henrique XIII, de Reuss, representante da Congregação Johaniter, G. Mounier, vice-presidente, Drs. Appia e Maunoir, médicos, e Dunant, secretário.

Anteriormente, Dunant viajava como propagandista e visitara tôdas as côrtes da Europa. A idéia esclarecida e minuciosamente desenvolvida pelo nobre cavalheiro foi muito bem acolhida e em tôda parte aceita com entusiasmo e admiração.

Graças aos infatigáveis esforços da comissão e principalmente do próprio Dunant, teve lugar em outubro de 1863, o "Congresso de Beneficência" em Genebra.

Entre os demais protetores dos projetos de Dunant, por êle registrados pessoalmente, prestaram o seu valioso e simpático apoio Napoleão III, o General Mac Mahon e o Rei João de Saxe. Depois do Congresso de Estado em Berlim, 1863, tôda a família real e imperial da Prússia mostrou-se fervorosa adepta, impulsionando a execução da idéia por magnânimas deliberações. Igual procedimento teve a família real de Saxe, depois a Imperatriz Augusta, da Alemanha, o famoso médico holandês Basting, o Papa

Leão XIII e vários outros chefes de Estado e vultos eminentes.

Dentre as primeiras personagens régias que, com dedicação, aperfeiçoaram e fizeram progredir a realização da idéia, mesmo para os tempos de paz, citemos a grã-duquesa Helena Paulowna, da Rússia, nascida da infanta de Wurtemberg, a grã-duquesa Olga da Rússia e, à frente de tôdas, a Imperatriz Augusta da Alemanha, etc. Trinta e seis personagens dos mais importantes Estados da Europa conferenciaram durante o Congresso com grande número de médicos, sob a direção de Dunant, que então contava 35 anos de idade. Estabeleceram os fundamentos da assistência internacional voluntária aos militares feridos, a qual futuramente deveria ser organizada durante a paz.

Combinaram então adotar a CRUZ VERMELHA sobre fundo branco, como sinal de inviolabilidade e respeito, para com tôdas as pessoas e instituições destinadas à assistência.

No ano seguinte, 1864, o Conselho da Suíça enviou circulares a todos os governos dos Estados europeus, recomendados por uma nota anexa do governo francês e um convite para enviarem representantes diplomáticos ao comício internacional de Genebra; pretendiam conferenciar novamente e aprovar as resoluções do primeiro congresso.

De há muitos séculos existiam semelhantes idéias para cuidar os feridos na guerra. Em alguns países mesmo, tais cuidados eram executados de diversos modos (segundo o Dr. Löffler — 1863 e outras autoridades); só em 1864

Dunant teve ciência desse fato, que lhe mereceu aquiescência, citando-o imediatamente perante a conferência. Provou destarte que suas idéias e atos não eram utopia, mas uma necessidade de há muito sentida.

Depois de discussões durante 14 dias, a 22 de agosto de 1864, assinaram na Câmara de Genebra a famosa e até hoje vigente Convenção de Genebra".

CONVENÇÕES

Convenção de Genebra, de 22 de agosto de 1864, sobre tratamento de feridos e prisioneiros de guerra.

Convenção de Haya, de 1899, para a adaptação dos princípios da Convenção de Genebra à guerra marítima — (25 de fevereiro de 1907).

Convenção de Genebra, de 6 de julho de 1906, para a melhoria da sorte dos feridos e doentes nos exércitos em campanha — (18 de junho de 1907).

Convenção de Haya, de 18 de outubro de 1907, para adaptação à guerra marítima dos princípios da Convenção de Genebra, de 6 de julho de 1906 — (5 de janeiro de 1914).

Convenção de Haya, de 18 de outubro de 1907, sobre as leis e os costumes da guerra em terra e sobre os direitos e deveres dos neutros — (5 de janeiro de 1914).

Convenção de Genebra, de 12 de julho de 1927, para a criação da União Internacional de Socorros (O Brasil assinou, mas não ratificou).

Convenção de Genebra, de 27 de julho de 1929, para melhoria da sorte dos feridos e doentes nos exércitos em campanha (1 de dezembro de 1931).

Convenção de Genebra, de 27 de julho de 1929, sobre o tratamento dos prisioneiros de guerra (1 de dezembro de 1931).

COMITÉ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA

Da convenção de Genebra, de 22 de agosto de 1864, resultou a criação do Comité Internacional da Cruz Vermelha, sediado em Genebra (Suíça) com as seguintes finalidades:

a) fundar, difundir e desenvolver a Cruz Vermelha em todos os países do mundo;

b) cuidar da manutenção dos princípios básicos da Cruz Vermelha, da criação de sociedades novas, reconhecê-las e incorporá-las ao Comité Internacional;

c) procurar a adesão de todos os países civilizados à Convenção de Genebra;

d) cuidar da observação das prescrições imperativas deste pacto de direito internacional público, dar início às suas resoluções e exortar os governos a assegurar o seu cumprimento por disposições legislativas, regulamentos militares e ensinamentos necessários aos chefes e soldados dos respectivos exércitos;

e) criar agências internacionais em tempo de guerra para os socorros às vítimas da guerra, especialmente os prisioneiros, de modo a estabelecer comunicação e informações entre eles e suas famílias.

O Comité tem delegados nos países onde há Cruz Vermelha, trabalhando junto a essa instituição, com poderes especiais autorizados pelo Comité de Genebra.

FUNDAÇÃO DA CRUZ VERMELHO BRASILEIRA

No ano de 1907 houve um incipiente movimento no sentido de ser criada no Brasil uma sociedade de "Cruz Vermelha", movimento que se concretizou no dia 5 de dezembro de 1908.

No salão da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, à avenida Rio Branco n.º 153, 2.º andar, reuniram-se figuras de ambos os sexos, representantes das altas classes liberais e sociais que positivaram a idéia da criação da Cruz Vermelha Brasileira.

O Dr. Joaquim de Oliveira Botelho, espírito culto, cheio de iniciativas, tendo visitado na Europa e na República Argentina as associações congêneres, sentiu-se animado do desejo de ver também aqui fundada a CRUZ VERMELHA, e pedindo o concurso de seus colegas de profissão e de outras pessoas gradas, em 17 de outubro do ano de 1907, em reunião da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, obteve ser lançada a organização da CRUZ VERMELHA e marcada uma nova reunião para a aprovação do projeto de seus Estatutos e aclamação de Sua Diretoria provisória, o que se realizou sob os melhores auspícios, em 31 de dezembro do mesmo ano.

Este ato foi precedido de uma conferência do Dr. Joaquim de Oliveira Botelho, que historiou a CRUZ VERMELHA estudando o seu alto papel no seio das sociedades civilizadas e salientando os esforços de outros concidadãos para o mesmo fim.

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

A administração da Sociedade Cruz Vermelha é exercida em todo o território nacional por uma Diretoria (Órgão Central) constituída de quinze diretores membros eleitos em assembléia geral e funcionando na capital federal pelo período de um triênio.

As funções executivas são exercidas pelo Presidente.

Os estabelecimentos, repartições e serviços do Órgão Central são assim divididos: Secretaria Geral, Tesouraria, Procuradoria, Almoxarifado, Portaria, Biblioteca, Arquivo, sendo que à Secretaria Geral estão subordinados os seguintes serviços: Expediente, Organização e Legislação, Filiais, Socorros, Enfermeiras, Propaganda e Publicidade, Higiene e Assistência e Cruz Vermelha Infantil.

Nos Estados existem as filiais estaduais, com sede na capital dos Estados, e as filiais nas sedes dos municípios, não podendo funcionar mais que uma filial nas capitais e nas sedes dos municípios.

Além da Diretoria, a Sociedade se integra em uma assembléia geral constituída de sócios deliberativos, eleitores de número ilimitado, e em um Conselho Diretor, composto de 25 membros, afora os representantes dos Ministérios e instituições a que se refere o Decreto n.º 23.482, de 21 de novembro de 1933.

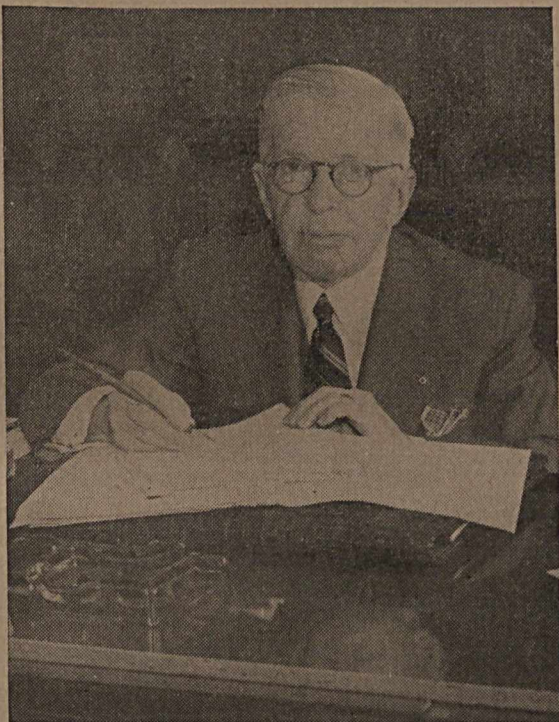
O Conselho Diretor tem a sua mesa constituída de um presidente, um vice-presidente e de um secretário, cargo presentemente exercido pelos Drs. Herbert Moses e Sudá de Andrade e por D. Hortência Cerqueira. O Presidente da Diretoria é que exerce a presidência da assembléia geral. A Sociedade Cruz Vermelha Brasileira é constituída de sócios, pessoas físicas e jurídicas, com as seguintes cate-

rias: Fundadores, Deliberativos eleitos, Cooperadores, Remidos, Benfeitores, Grandes Benfeitores, Honorários, Beneméritos e Grandes Beneméritos.

LEGISLAÇÃO

A Legislação brasileira sobre a Cruz Vermelha é constituída das seguintes leis e decretos:

Lei n.º 2.380, de 31 de dezembro de 1910, assinada pelo Marechal Hermes da Fonseca, Presidente da República, e referendada pelo Dr. Rivadávia da Cunha Corrêa, Ministro do Interior, regulando a existência das Associações da Cruz Vermelha que se fundarem de acordo com as Convenções de Genebra de 1864 e 1906. Essa lei, além de



General Dr. Ivo Soares, Presidente da Cruz Vermelha Brasileira, em seu gabinete de trabalho.

outras medidas, manda punir o emprêgo ilegal do nome e do emblema da Cruz Vermelha.

Decreto n.º 9.620, de 31 de julho de 1912, expedido pelo Presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca, e referendado pelo ministro do Exterior, Dr. Lauro Müller, que declara de caráter nacional a Sociedade Cruz Vermelha Brasileira, reconhecida oficialmente pelo Comité Internacional da Cruz Vermelha de Genebra.

Decreto n.º 23.482, de 21 de novembro de 1933, expedido pelo Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas, e referendado pelo Ministro da Guerra, General Augusto Inácio do Espírito Santo Cardoso, em que se declara que a Sociedade Cruz Vermelha Brasileira, com sede na Capital Federal, é o Órgão Central da organização federativa das associações da Cruz Vermelha no território nacional.

Lei 1940, de 26 de julho de 1918, do Conselho Municipal do Distrito Federal, promulgada pelo coronel An-

tônio José da Silva Brandão, Presidente do Conselho Municipal, que reconhece de utilidade municipal a Sociedade "Cruz Vermelha Brasileira".

FILIAIS DA SOCIEDADE CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

Tendo-se em vista a vastidão do Território Brasileiro, a organização que melhor se poderia adotar para a Sociedade Cruz Vermelha seria de acordo com o sistema federativo.

Assim, foram permitidas instalações de Filiais da Sociedade Cruz Vermelha Brasileira em todo o território nacional, nas Capitais dos Estados, Cidades e Municípios. Essas Filiais são autônomas sob o ponto de vista financeiro e administrativo, tendo por finalidade exclusiva a fiel execução local do filantrópico e humanitário programa de Cruz Vermelha, tudo, porém, controlado pelo órgão central da Instituição, com sede no Rio de Janeiro e conforme prescrevem a Lei Federal n.º 23.482, de 21 de novembro de 1933, e outros atos oficiais que regem o assunto. As aludidas Filiais são regidas por Regulamento especial elaborado pela Diretoria do Órgão Central da Cruz Vermelha Brasileira.

A Filial possui os seguintes órgãos:

- I — Assembléia Geral;
- II — Conselho Diretor;
- III — Diretoria.

Esses três elementos têm suas atribuições privativas assinaladas em Regulamento.

Entre as atribuições da Assembléia Geral, está a de eleger, pelo período de 3 anos, os membros do Conselho Diretor e da Diretoria.

O Conselho Diretor constitui um órgão fiscal para a fiel execução do Estatuto, do Regulamento da Instituição, e observância das decisões da Assembléia Geral, do Conselho Diretor e da Diretoria.

Em cada município ou cidade só poderá existir uma filial da Cruz Vermelha.

A organização federativa da Sociedade Cruz Vermelha Brasileira está assim articulada: A Sociedade propriamente dita tem sua sede no Rio de Janeiro, denominada "Órgão Central", com edifício próprio à Praça Cruz Vermelha n.ºs 10 e 12, no centro da Cidade.

A esse "Órgão Central" estão diretamente subordinadas as filiais das capitais dos Estados.

As filiais das cidades e municípios de cada Estado estão diretamente subordinadas às filiais das Capitais dos Estados.

O reconhecimento da filial da capital do Estado é feito pela Diretoria do Órgão Central, no Rio de Janeiro. O das filiais das cidades e municípios pela Diretoria da capital do Estado.

As filiais das capitais dos Estados coordenam e estudam todas as questões que possam interessar as filiais das cidades e municípios do respectivo Estado. A filial da capital do Estado estabelece um contato permanente entre as filiais do Estado e o Presidente do Órgão Central no Rio de Janeiro.

Em caso de guerra ou de calamidade pública, o Presidente do Órgão Central poderá delegar alguns dos seus poderes privativos ao Presidente da filial da capital do Estado, para melhor execução do programa de Cruz Vermelha.

O Presidente da filial da capital do Estado é, em cada Estado, o representante legal do Órgão Central.

As filiais enviam anualmente um Relatório Geral e um Balanço ao Órgão Central.

De acôrdo com suas possibilidades financeiras, devidamente apreciadas pela forma regulamentar, as filiais estão no dever de contribuir para um "Fundo de Reserva" do Órgão Central, destinado a aplicação especificada em Regulamento.

Nesta data existem em todo território nacional 103 filiais da Sociedade Cruz Vermelha Brasileira.

O vigente Regulamento das filiais está sendo revisto por uma comissão designada pelo Presidente do Órgão Central, a fim de melhor atender os interesses da Sociedade e a aplicação do programa de Cruz Vermelha.

E' oportuno evidenciar que no Brasil não existem outras sociedades ou instituições que dependam ou estejam subordinadas à Sociedade Cruz Vermelha Brasileira. Somente suas filiais nos Estados é que, por força do Decreto Federal n.º 23.482, de 21 de novembro de 1933, lhe estão diretamente subordinadas, podendo o Órgão Central, com sede no Rio de Janeiro, intervir diretamente nessas filiais, a fim de normalizar e restabelecer a ordem finan-

ceira e administrativa das mesmas, podendo até suspender o reconhecimento ou mesmo extingui-las, conforme está textualmente previsto nesse mesmo decreto do Governo Federal.

Em rigor nem mesmo existem outras sociedades ou instituições com ligação ou articulação direta com a Cruz Vermelha Brasileira. Naturalmente existem várias instituições cujos programas, em alguns pontos, se harmonizam e até alcançam perfeita identidade com os da Cruz Vermelha, que tem por lema: "Caridade na paz e na guerra".

DIRETORIA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

Presidente de Honra — Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República.

Presidente — General Dr. Sebastião Ivo Borges

1.º Vice-Presidente — Dr. Daniel de Carvalho

2.º Vice-Presidente — Prof. Felipe dos Santos Reis

Diretor-Secretário — Ten. Cel. Dr. Arthur Luiz A. de Alcântara

Diretor-Secretário — Professor Renato Brancante Machado

Diretor-Secretário — D. Cassilda Martins

Diretor-Secretário — Cel. Dr. Candido Portela da Costa Soares.

Diretor-Tesoureiro — Major Dr. Luiz Curio de Carvalho

Diretor-Tesoureiro — Dr. Vivaldo Palma Lima Filho.



Visita do Jornalista Costa Rêgo e da escritora e jornalista Sílvia Patrícia à sede da Cruz Vermelha Brasileira. Sentados, da esquerda para a direita: Dr. Oscar Soares, Diretor da "Revista da Cruz Vermelha Brasileira"; General Alvaro de Paula Guimarães, Diretor da Escola de Enfermeiras; Sr. Costa Rêgo; General Ivo Soares, Presidente da C. V. B.; Dr. Vivaldo Palma Lima Filho, Diretor de Hospital; Sra. Sílvia Patrícia. Em pé, enfermeiras da instituição; a primeira, de uniforme escuro, é a chefe Irene Cotegipe de Miranda.

PRESIDENTES QUE TEVE A CRUZ VERMELHA DESDE A SUA
FUNDAÇÃO EM 5 DE DEZEMBRO DE 1908

Dr. Osvaldo Cruz, em 1908.

General Taumaturgo de Azevedo, de 1909 a 1918.

Dr. Miguel Calmon Du Pin e Almeida, de 1919 a 1922.

Tendo o Dr. Miguel Calmon aceito o convite para tomar parte no Congresso de Cruz Vermelha a reunir-se em Genebra, passou a presidência ao então 1.º Vice-Presidente. Marechal Dr. Ferreira do Amaral, que a exerceu interinamente até 1921, sendo eleito efetivo em 1922, desempenhando o mandato até fevereiro de 1929, quando a morte o surpreendeu.

Subiu à presidência o então Vice-presidente, comendador Carlos Pereira Leal, que exerceu a presidência interina por poucos meses. Após as eleições, foi eleito presidente o General Dr. Ivo Soares, que ocupou o cargo até dezembro de 1930.

Em 1931 assumiu a presidência o General Dr. Alvaro Carlos Tourinho, que nessas funções permaneceu até setembro de 1942. Tendo nessa data renunciado à presidência, assumiu-a o General Ivo Soares, que é o atual presidente.

A GUERRA MUNDIAL DE 1914 E A CRUZ VERMELHA
BRASILEIRA

A guerra de 1914 foi o início das atividades mais concretas da Cruz Vermelha Brasileira. Seu número de sócios cresceu sensivelmente e intenso movimento de propaganda se foi fazendo então.

Um grupo de senhoras da melhor sociedade constituiu um comitê denominado "Damas da Cruz Vermelha Brasileira", com o fim de prestar auxílio como enfermeiras voluntárias aos feridos e doentes em tempo de guerra ou em caso de calamidade nacional. Daí veio a idéia da fundação da Escola de Enfermeiras em 20 de março de 1916, conforme nosso relato mais adiante e no qual se acha compreendida uma entrevista que fizemos com Dona Idália de Araújo Pôrto-Alegre, na qual o assunto é bem esclarecido.

Em virtude da guerra na Europa, a Cruz Vermelha recebeu diversos donativos em dinheiro destinados aos feridos das nações beligerantes. Anexo à Escola, que diplomou a sua 1.ª turma de enfermeiras profissionais, foi instalado um dispensário com assistência médica gratuita, servindo ao mesmo tempo ao ensino prático dos cursos de enfermeiras e à população necessitada. Consócias da instituição propuseram-se a confeccionar roupas para feridos e doentes, visando a formação de um depósito, e foi então preparada uma sala com material de costura para esse fim.

Para bem se avaliar o movimento de doentes que acorriam aos serviços do dispensário, basta transcrever os dados estatísticos até então registrados. Do período de 3 de maio de 1917, data de sua inauguração, até meados de fevereiro de 1918, o número de consultas foi de 2.599, tendo-se praticado 57 intervenções cirúrgicas, 2.386 curativos e grande número de aplicações de aparelhos, aplicações elétricas, massagens, injeções hipodérmicas, etc., e estabelecido também um posto para vacinações.

A Diretoria da Sociedade continuou a empregar os meios naturais de propaganda para adquirir novos sócios

e recursos necessários para a sua manutenção e desenvolvimento, salientando-se, nessa tarefa penosa, a dedicação de um grupo de senhoras devotadas à grande cruzada. Durante a guerra de 1914-1918 a Cruz Vermelha prestou relevante e humanitário serviço aos prisioneiros de guerra e estrangeiros domiciliados no Brasil, enviando ao Comité Internacional da Cruz Vermelha em Genebra, para ser levado ao conhecimento da Agência Internacional de Prisioneiros de guerra, notícias dêles às suas respectivas famílias e também solicitando informações de brasileiros domiciliados na Alemanha.

A C.V.B. E A EPIDEMIA DA GRIPE DE 1918

Um grande acontecimento para a vida da Cruz Vermelha foi, sem dúvida a epidemia da gripe que, nos meses de outubro e dezembro de 1918, assolou a população desta Capital e que serviu para demonstrar à sociedade um dos benéficos fins dessa instituição, mesmo em tempo de paz.

O prédio da sede provisória foi transformado em hospital, recebendo em suas dependências número sempre crescente de doentes, que atingiu a 105, dos quais 87 saíram curados, 14 faleceram e 4 foram transferidos para outros hospitais.

O serviço das consócias enfermeiras foi pôsto à prova, revelando a sua competência e abnegação no tratamento dos doentes hospitalizados, indo outras prestar serviços em casas particulares, institutos, postos de socorros e hospitais, muitas vezes permanecendo nêles já atacadas do mesmo mal.

Nessa ocasião a Cruz Vermelha distribuiu gratuitamente, a 4.084 pessoas necessitadas, medicamentos adequados ao tratamento da doença epidêmica e socorreu com gêneros diversos mais a quantia de Cr\$ 2,00 por indivíduo a 2.304 pessoas, isto na sede da Sociedade, além de medicamentos oferecidos, também gratuitamente, à Inspetoria Geral da Guarda Civil, às 1.ª e 3.ª delegacias auxiliares, a um posto em Copacabana e à filial da Cruz Vermelha em Lavras.

E' de tôda a justiça salientar o papel de grande eficiência que desempenharam, naqueles tristes dias, as dignas enfermeiras, tendo sido a C.V.B. a primeira a abrir um posto de socorro. A ação da Cruz Vermelha Brasileira não podia deixar de ser a mais espontânea, a mais benéfica e a mais útil. Salvar dezenas de enfermos, alguns dos quais já quase moribundos, tratá-los com o maior carinho e tudo a expensas da Sociedade, com os seus recursos e donativos de pessoas generosas, não tendo nenhum auxílio oficial, é já alguma coisa em favor da Cruz Vermelha Brasileira. A terrível desgraça que foi a pandemia de gripe, em 1918, serviu ao menos para provar que a Cruz Vermelha não é só necessária durante a guerra, mas também durante uma calamidade como aquela, que sofremos em plena paz.

A C.V.B. NOS ESTADOS

A C.V.B. vem, desde sua fundação, cuidando das vítimas das calamidades que afligem as populações dos Estados.

Assim é que enviou uma missão a Minas a fim de socorrer os flagelados pelas enchentes, levando-lhes recursos de roupas e medicamentos. Pela sua Secção de Socorros foram remetidos durante os meses de abril e maio de 1919, para



O General Paula Guimarães, Diretor da Escola de Enfermeiras da C.V.B., despachando com a Secretária D. Ersina Maia Barcelos.

as vítimas das inundações no Estado de Sergipe, por intermédio da sua filial naquele Estado, e para as cidades de Belmonte, da Barra e de Joazeiro, no Estado da Bahia, inúmeros caixotes contendo roupas e medicamentos.

Tendo aparecido de novo o terrível flagelo das secas do Nordeste, que tantas vítimas estava produzindo pela fome, foram remetidos para o Ceará e Rio Grande do Norte, consignados às filiais da Cruz Vermelha, para distribuição, cerca de 20 mil toneladas de mantimentos. Como auxílio, a Cruz Vermelha apelou para a generosidade do alto comércio desta praça, conseguindo obter os recursos com os quais contribuiu para aqueles socorros.

E em agosto de 1944 o general Ivo Soares foi levar a Maceió 20 mil cruzeiros para as vítimas das inundações em Alagoas. E aqui no Rio conseguiu o apoio de diversas senhoras de nossa sociedade para a obtenção de meios a fim de serem remetidos novos socorros a esses flagelados.

SÊCAS DO NORDESTE DE 1919 E 1932

A Cruz Vermelha enviou ao Ceará 210 volumes contendo gêneros alimentícios e ao Rio Grande do Norte, 95, para serem distribuídos pelas populações necessitadas, vítimas do terrível flagelo. Em 1932 foi organizada uma comissão federal de socorros contra a seca, presidida pelo então Ministro da Viação, Dr. José Américo de Almeida. Sob larga visão e claro descortino da situação, foi iniciada a primeira fase dos socorros a serem prestados, tendo o Governo confiado à Cruz Vermelha Brasileira a execução dos serviços

necessários. Concedida à Cruz Vermelha Brasileira a verba inicial para a obra de assistência, franquia postal e telegráfica e o transporte de pessoal e material, e postos à sua disposição, pelo Ministro da Guerra, oficiais e praças para isso requisitados, seguiu a Missão da Cruz Vermelha Brasileira de socorros aos flagelados do Nordeste, que levou também médicos e enfermeiras pertencentes ao quadro dos servidores da Instituição.

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO DE SÃO PAULO EM 1932

A filial da Cruz Vermelha Brasileira em São Paulo prestou assinalados serviços em dura emergência. Foram montados hospitais de sangue em vários teatros e na Igreja Metodista, além dos de pronto socorro instalados e aproveitados pela Cruz Vermelha.

Foi apreciável o oferecimento de serviços voluntários, por parte de elementos estranhos à Cruz Vermelha, assim como também a oferta de donativos que atingiram a Cr\$ 32.839,60 em espécie e Cr\$ 56.577,10 em dinheiro. Além disso, foram criados abrigos para as famílias e pessoas que fugiram da zona do fogo e eram transportadas pelas viaturas da Cruz Vermelha. Dentre esses abrigos, convém destacar o Mosteiro de São Bento, que abrigou 935 pessoas e distribuiu 47.486 refeições. O Órgão Central da Cruz Vermelha concorreu com um contingente de competentes enfermeiras para o Hospital de Evacuação situado em Mogi das Cruzes.

O DESASTRE DE MONTE SERRAT EM SANTOS, EM 1928

Em março de 1928, quando a cidade de Santos foi abalada pelo formidável desastre do Monte Serrat, que destruiu casas, oficinas e uma parte da Santa Casa da Misericórdia, soterrando famílias inteiras, os diretores da Cruz Vermelha local dirigiram-se imediatamente para o local do sinistro, a fim de prestarem os socorros mais urgentes. A Cruz Vermelha Americana, logo que soube do ocorrido, fez o donativo de 10.000 dólares, donativo este que o Órgão Central enviou para Santos por um dos seus diretores que teve oportunidade de auxiliar a filial local. Também por ocasião da catástrofe de Arassuaí, no Estado



Sra. Idália de Araújo Porto-alegre.

de Minas, o Órgão Central da Cruz Vermelha não se desviou dos seus objetivos. Fez um apêlo a todos os brasileiros e enviou ao Reverendíssimo Bispo D. Serafim a importância de Cr\$ 2.271,00, 40 peças de tecidos, 2 volumes contendo roupas e objetos de uso, e mais 2 fardos de tecidos com 910 metros recebidos como donativos de diversas pessoas.

A GRANDE EXPLOSÃO DA ILHA DO CAJU EM 1925

A grande explosão da Ilha do Cajú, em 27 de fevereiro de 1925, deu lugar a que a Cruz Vermelha prestasse humanitários serviços à população vítima daquele desastre. Foram distribuídos roupas, chapéus, calçados e outros objetos de uso a 492 famílias.

A IMPRENSA E A CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

Quando fazíamos esta reportagem, o redator chefe do *Correio da Manhã*, Sr. Costa Rego, esteve em visita aos serviços da Cruz Vermelha Brasileira, cujas seções percorreu, observando-lhes com atenção e muito interesse o funcionamento.

Também lá esteve a jornalista e escritora Sílvia Patrícia, sempre voltada para iniciativas e empreendimentos que visem o bem-estar social, dando-lhes apoio e incentivando-os pessoalmente, por meio de freqüentes visitas e de trabalhos publicados na imprensa, a que há muitos anos empresta inteligente e constante colaboração. E Sílvia Patrícia vem, assim, mantendo as belas tradições de espírito e cultura de uma família de intelectuais, que, começando em João Lopes, o saudoso jornalista e parlamentar que representou por muitos anos o Ceará na Câmara dos Deputados, prolongou-se por Thomaz Lopes, diplomata e escritor, e Oscar Lopes, jornalista que, infenso ao personalismo estreito das polêmicas e questões de campanário, preferia brindar-nos com belas crônicas, nas quais se lhe percebiam a delicadeza e a sensibilidade de fino esteta que realmente era. E Sílvia Patrícia é continuadora dessa tradição de inteligência e bondade da família de insignes beletistas.

*
* *

A Imprensa, de modo geral, sempre procurou prestigiar a C.V.B., divulgando-lhes as atividades através de amplas reportagens, nos jornais diários, e também de notas e comentários e artigos editoriais.

Assim como registramos com prazer a visita de Costa Rego e Sílvia Patrícia à C.V.B., agrada-nos ressaltar o gesto de Roberto Marinho, diretor d'O *Globo*, que resolveu concorrer pessoalmente para a instalação de um pôsto dessa instituição à rua General Severiano em Botafogo, cuja direção se acha entregue à Sra. Herbert Moses, que tem como colaboradoras, entre outras, as Sras. Horácio Cartier e Manoel Gonçalves, jornalistas, amigos e companheiros de Roberto Marinho, em seu prestigioso jornal.

NOSSA VISITA À CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

Antes de nossa visita à sede da Cruz Vermelha Brasileira telefonamos ao presidente da instituição, General Dr. Sebastião Ivo Soares, pedindo-lhe permissão para focalizá-la em reportagem na *Revista do Serviço Público*.

— Não há dúvida. Mas amanhã vou ao Norte e só estarei de volta na terça-feira. Depois, então, terei muito prazer de recebê-lo e facilitar-lhe a tarefa.

E assim tivemos nosso primeiro entendimento com o General Ivo Soares, que, na quarta-feira seguinte, nos recebia em seu gabinete de trabalho. E ali mesmo, antes de percorrermos o resto da casa, sentimos-lhe o ambiente acolhedor, que depois verificamos reinante em tôdas as suas seções.

Só mesmo o amor, a bondade, poderia construir e manter aquela instituição, onde se cuida dos que sofrem e também se ensina aos que dêles querem cuidar. Pelo entusiasmo com que o General Ivo Soares se referia às

obras sociais que vinha de visitar em Pernambuco e Paraíba se podia inferir de seu natural e sincero devotamento ao bem público, de sua admiração e simpatia por pessoas ou instituições que trabalham seguindo, em setores diferentes, o mesmo programa social e humano da Cruz Vermelha.

E assim como o General Ivo Soares contamos, felizmente, aqui no Rio, para não irmos mais longe, com outros dedicados e indefessos obreiros do bem.

Com estas reportagens conseguimos nos aproximar dessa gente exquísita, estranha, e muitas vezes incompreendida, que se preocupa seriamente com os doentes e necessitados, dando-lhes assistência direta ou fazendo proselitismo em campanha realizada espontaneamente e sem desfalecimentos.

Mesmo que o Estado, um dia, tome à sua conta o encargo, exclusivo, da assistência social, sob seus múltiplos e variados aspectos, não poderá prescindir do concurso desses amigos da sociedade que, à revelia de vantagens, regalias ou notoriedade, fazem aquilo que outros preferem ignorar comodamente. E os displicentes são, até certo ponto, toleráveis ao lado de certos reformadores "científicos" que, sob a capa de técnicos avançados, menosprezam e condenam as organizações "rotineiras e empíricas", procurando desmontá-las para depois, em seu lugar, erguerem outras moderníssimas, como as existentes nos grandes "centros civilizados". E, se conseguem assumir a direção de casas tradicionais de ensino e assistência social, procuram pôr em prática a sua ciência livresca, desmanchando o que,

bem ou mal, funcionava regularmente e com apreciável resultado. E, depois, já se sabe, na hora de recomposição da máquina que desmantelaram, as peças começam a sobrar, como acontece sempre com os relojoeiros improvisados...

Devemos, portanto, prestigiar tudo quanto organizamos com esforço e tenacidade, de acordo com as condições e possibilidades de nosso meio, dos nossos costumes e de nossa educação.

Felizmente a Cruz Vermelha tem tido ambiente propício às suas realizações, contando com o concurso sincero de quantos preferem guiar-se sempre pelos ditames do coração e da inteligência.

*
* *

Agradava-nos ouvir o que o General Ivo Soares dizia de sua visita ao Nordeste, onde passou uma semana em companhia de seu assistente técnico, Dr. Luiz Curio de Carvalho, a serviço da Cruz Vermelha Brasileira.

Na sua ida deixou em Maceió um donativo de vinte mil cruzeiros, para socorrer as vítimas de inundações de Alagoas. Em Recife presidiu a solenidade da entrega de certificados à 2.^a turma de enfermeiras, num total de 28, da filial ali da instituição que dirige. E, depois, não cessaram as suas visitas às obras de assistência social daquela capital e às de João Pessoa, na Paraíba.



Escola da C. V. B. — Flagrante de uma aula ministrada pela Irmã Margarida Villac.

Quando se ofereceu ensejo, dissemos ao General de nosso propósito de começar a reportagem a que aludíamos dias antes por telefone.

— Pois não! Aí vem chegando o General Paula Guimarães, Diretor da nossa Escola.

Depois fomos apresentado ao Dr. Curio de Carvalho, que, como o General Paula Guimarães, também se mostrou solícito a ajudar-nos na tarefa que iríamos iniciar e que começou pela

ESCOLA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

— D. Ersina Maia Barcelos, secretária da Escola, e sua auxiliar, D. Carmen Mendes Pereira da Silva.

E com estas apresentações, feitas pelo General Paula Guimarães, fomos nos pondo em campo, a conhecer os funcionários imediatos da administração da casa.

Veio o nosso fotógrafo e a série de estouros de magnésio começou. Também teve início outra série diferente: a de promessas de certos apontamentos, em cada seção, indispensáveis à elaboração de trabalhos como este, que não podem prescindir, absolutamente, de dados estatísticos, notas históricas, de legislação, etc.

E com franqueza, esta última série é sempre a mais difícil de ser vencida em qualquer parte...

Aliás, declaramos ao cativante General Paula Guimarães que ainda não havíamos nos acostumado com semelhante dificuldade, apesar de tudo.

— Mas comigo o senhor terá em tempo todos os apontamentos que desejar.

E, depois, no corredor, disse-nos porque podia prometer assim com tanta segurança os apontamentos referentes à Escola:

— D. Ersina, amanhã mesmo, terá tudo pronto. Seu espírito de colaboração é admirável. Trabalha com método e segurança e tem tempo para tudo e, quando ainda se faz preciso, dá ajuda a outras seções da casa.

No dia seguinte, fomos logo à Secretaria, à procura do histórico da Cruz Vermelha Brasileira, pedido na véspera.

E sabem o que aconteceu?

Estava prontinho mesmo, primorosamente batido à máquina.

A reportagem se iniciava assim de forma muito promissora. A ordem que lhe imprimimos não obedece à organização esquemática da Cruz Vermelha. Preferimos seguir sempre a da visita às suas seções, aproveitando imediatamente os apontamentos tomados.

NO SALÃO NOBRE

O General Paula Guimarães quis nos mostrar pessoalmente as atividades da escola que dirige, levando-nos a assistir a uma aula que, no momento, estava sendo dada no salão nobre pela irmã Margarida Vilac. Aí o nosso fotógrafo tirou um instantâneo.

O Diretor Paula Guimarães, referindo-se à colaboração que as irmãs de S. Vicente de Paulo oferecem à instituição, exaltou-a e, quanto à das irmãs Margarida e Elisabeth Osorio, ambas professoras do curso de enfermagem,

não foram menos entusiásticas as referências que lhes fez, conceito que externou à distância, discretamente, com receio de ser ouvido e com a recomendação final de que não o mencionássemos ao escrever a reportagem, pois "as irmãs não gostam dessas coisas".

E, como vê o leitor, nossa discreção não poderia ser maior...

No salão nobre vimos a galeria de retratos dos Presidentes que a Cruz Vermelha tem tido: Osvaldo Cruz, General Taumaturgo de Azevedo, Miguel Calmon du Pin e Almeida e Generais Antônio Ferreira do Amaral, Alvaro Tourinho e Ivo Soares.

Também nessa galeria figura o do médico Dr. Joaquim de Oliveira Botelho, que na Sociedade de Medicina e Cirurgia teve a iniciativa da criação da Cruz Vermelha Brasileira.

Em outra sala fomos encontrar a irmã Elisabeth Osorio, dando aula de técnica de sala de operação. Em torno do "Sr. Lalao", o boneco que faz as véses de doente, um grupo de alunas ouvia a professora. A presença do nosso fotógrafo, a revelar que uma publicidade qualquer estava sendo preparada na casa, fez a irmã Elisabeth Osorio retrair-se logo. Mas à habilidade do General Paula Guimarães devemos, sem dúvida, o instantâneo que então conseguimos das alunas e também de sua... professora.

E aí, nesse primeiro dia, ficamos na reportagem, que só continuou na visita seguinte à casa.

HISTÓRICO DA ESCOLA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

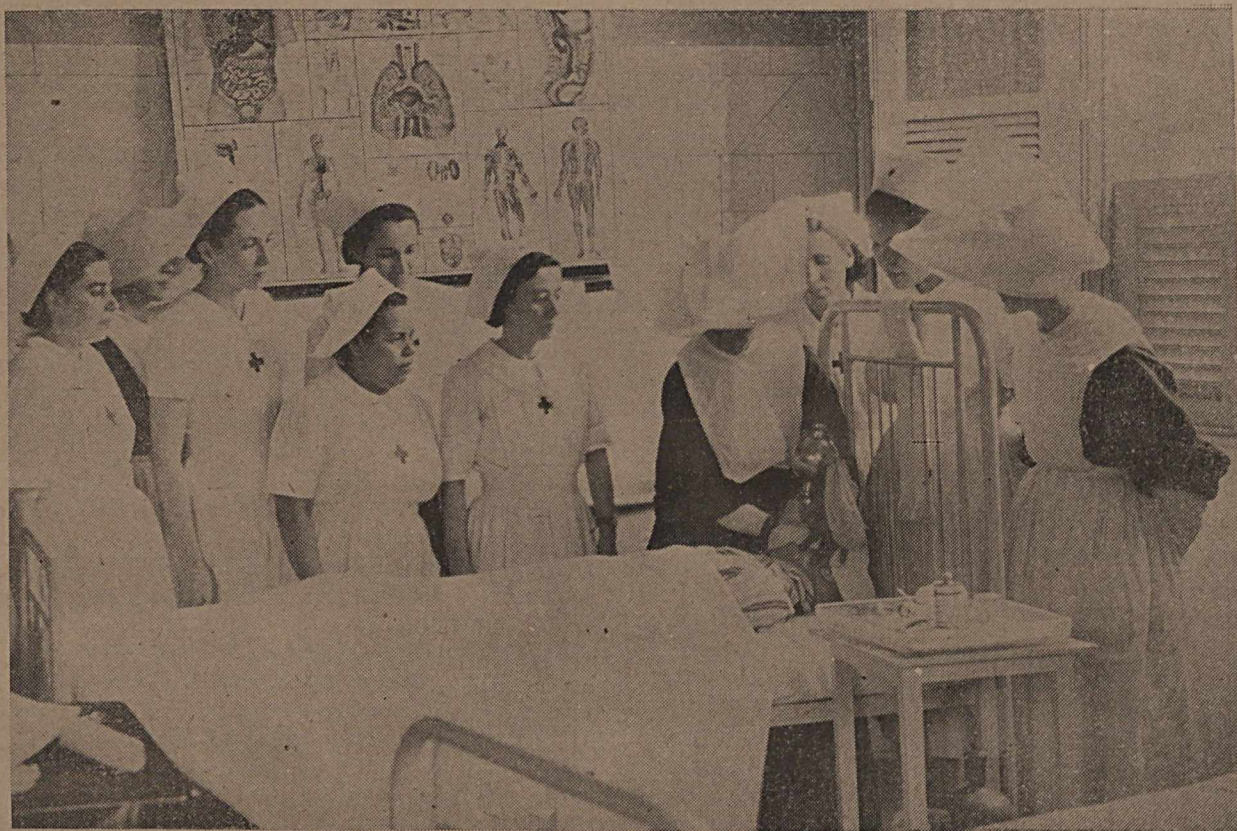
No ano de 1914, algumas senhoras da nossa melhor sociedade, desejando instruir-se na prática da enfermagem e no cuidado aos feridos e doentes, reuniram-se e, formando um *Comité*, encaminharam uma solicitação à diretoria da Cruz Vermelha Brasileira para instituir uma Escola de Enfermeiras Voluntárias.

Com a resolução satisfatória da diretoria, a direção do curso foi entregue ao então Coronel Dr. Antônio Ferreira do Amaral que, a 20 de outubro de 1914, proferiu a aula inaugural. E com muita animação prosseguiram as atividades do primeiro curso de enfermagem do Rio de Janeiro, tendo, porém, o Coronel Ferreira do Amaral, em vista de seus múltiplos afazeres, passado a direção do mesmo ao Capitão Dr. Getúlio Florentino dos Santos, que ministrou as últimas aulas até o seu encerramento.

Com os resultados obtidos e, em vista do entusiasmo das componentes da primeira turma de Enfermeiras Voluntárias, foram organizadas, regularmente, outras e, atendendo à idéia lançada por algumas dessas enfermeiras voluntárias, ampliou-se o Curso a fim de que também pudessem ser preparadas, convenientemente, enfermeiras profissionais. Essa ampliação, além de melhorar o trato e cuidados a dispensar aos doentes, possibilitava às moças pobres nova e honrosa profissão, assegurando-lhes meio digno de obter recursos para viver. Assim, a 20 de março de 1916, foi oficialmente inaugurada, sob a competente direção do incansável Dr. Getúlio dos Santos, a

PRIMEIRA ESCOLA PRÁTICA DE ENFERMEIRAS

Em 1917, deixando o recinto da Sociedade de Geografia, onde foram dadas as suas primeiras aulas, passou a



Flagrante de uma aula de técnica de sala de operações, dada pela irmã Elisabeth Osório. O "doente" é o Lalão, boneco prestimoso e paciente, sempre pronto a oferecer valiosa contribuição ao ensino prático de enfermagem.

nova Escola a funcionar, com todo o material necessário à prática, na sede provisória da Cruz Vermelha Brasileira, na esplanada do Senado, tendo sido o programa muito ampliado e feito em dois anos. O Curso de Enfermeiras Voluntárias continuava, também, em funcionamento, com um ano de duração.

Anexo à sede provisória da Cruz Vermelha, funcionava um pequeno dispensário, que passou a servir para a aprendizagem prática das alunas, ministrada também na Santa Casa, no Hospital Central do Exército e na Policlínica Militar.

Em 1918, por ocasião da epidemia da gripe, nesta Capital, as alunas tiveram ensejo de se desvelar em trabalhos de enfermagem, pois as dependências da Escola e outras haviam sido improvisadas para hospitalização de doentes em hora tão amarga.

No ano de 1919 o Curso de Voluntárias deixou de funcionar em virtude de ter sido assinada a paz.

O Curso de Enfermeiras Profissionais continuou, porém, cada vez mais procurado, diplomando a Escola, ao terminar cada período letivo, turmas apreciáveis de moças conscientemente preparadas, aptas a exercerem, com proficiência, a nobre profissão.

Em 1933 foi restabelecido o Curso de Voluntárias, que só entrou em funcionamento regular em 1936, com a denominação de *Curso de Samaritanas*. O programa desse Curso é, exatamente, o do 1.º ano do Curso de Enfermeiras

Profissionais, que passou, nessa época, a ser de três anos, dado o desenvolvimento tomado pela enfermagem nos últimos tempos, fato esse que motivou, também, grande alteração na ordem e distribuição das matérias que compunham os programas anteriores.

Com essa nova organização continuou a Escola no seu ingente esforço de preparar profissionais e voluntárias para cuidar da humanidade sofredora.

A ESCOLA E A GUERRA NA EUROPA

No ano de 1939, em virtude da declaração da guerra na Europa, foram iniciados os Cursos de Primeiros Socorros, visando instruir maior número de alunas no mais curto prazo possível. A afluência de candidatas a esses cursos foi bem apreciável, tendo, entretanto, culminado, em 1942, ano que marcou a entrada do nosso país no conflito europeu.

A Escola da Cruz Vermelha Brasileira tornou-se, por assim dizer, pequena para satisfazer inteiramente aos pedidos de centenas de senhoras que acorriam diariamente à sua Secretaria para inscrever-se nos Cursos em funcionamento.

Assim sendo, a Cruz Vermelha Brasileira aceitou os oferecimentos que lhe foram feitos por várias associações, escolas, ministérios e serviços públicos, no sentido de fazer funcionar em suas sedes cursos idênticos, a fim de

que pudessem ser satisfeitas tôdas as candidatas, ansiosas por se tornarem úteis ao país em momento tão grave.

O resultado de todo êsse entusiasmo, boa vontade e patriotismo, demonstrados pela mulher brasileira, pode ser aferido pelo número de cursos que foram feitos nesse ano, atingindo a um total de 44, concluídos por 2.500 voluntárias, aproximadamente.

Para levar a cabo tôdas essas iniciativas, contou a Escola com a proficiente dedicação de figuras de relêvo do nosso meio médico, que a orientaram e dirigiram desde os seus primeiros dias de vida, não sendo demais lembrar os nomes de Ferreira do Amaral, Getúlio Florentino dos Santos, Carlos Eugênio Guimarães, Artur de Alcântara, Florêncio de Abreu, Acilino de Lima, Manoel Teófilo Gaspar de Oliveira e Jesuíno de Albuquerque, e, na atual direção, o do General Dr. Alvaro de Paula Guimarães. A todos êsse diretores, que contaram com a indispensável colaboração do corpo de professores da Escola, todo êle composto, na sua quase totalidade, de médicos do corpo clínico do Hospital da Cruz Vermelha Brasileira, e à dedicação do corpo administrativo e do corpo de monitoras (Irmãs de caridade de S. Vicente de Paulo), deve a Escola o fiel cumprimento das tarefas que lhe são impostas.

ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola compreende dois cursos básicos — o de Enfermeiras e o de Assistentes Sociais.

Êste último só funcionou nos anos de 1940 e 1941 diplomando uma turma de Assistentes com 23 alunas. Em 1942 foi feito um Curso Superior de Assistência Social e um de Voluntárias Sociais, a título de propaganda e com o fim de difundir o interesse por êsse ramo de atividade profissional nas diferentes camadas sociais.

Em face de várias reformas que se processavam no momento, com referência ao ensino e adaptação dos Serviços Sociais, foi suspenso o Curso respectivo até que se firmassem as suas diretivas.

Passaremos a tratar do Curso de Enfermeiras, que é assim dividido:

Curso de Enfermeiras Profissionais

Curso de Samaritanas

Curso de Voluntárias Socorristas.

CURSO DE ENFERMEIRAS PROFISSIONAIS

Condições de admissão: — Curso normal, ginásial ou exame de admissão, de português, matemática, história, geografia, história natural, física e química, feito na própria Escola. Além dessa condição e da documentação habitual para identificação da candidata, é exigido rigoroso exame de saúde, feito por examinadores designados pelo diretor da Escola.

Uma vez aceitas, as candidatas são admitidas como alunas internas, podendo, em casos excepcionais, ser permitido o externato. A Escola custeia ensino, casa e alimentação, auxiliando, ainda, as alunas com uma pequena gratificação mensal. Os uniformes e enxoval particular da aluna correm por sua própria conta.

Duração do Curso: — Três anos. E' teórico-prático. As alunas, que residem no mesmo local onde são ministradas as aulas teóricas, fazem os estágios práticos no hospital, que funciona, igualmente, no mesmo prédio da Sociedade Cruz Vermelha Brasileira.

Condição social: — As candidatas são recrutadas do meio social médio. Nota-se grande interesse na camada menos favorecida pela sorte, prejudicada, entretanto, pela falta de conhecimentos básicos e impossibilidade financeira de obtê-los.

Programa — 1.º Ano: — Noções de anatomia e de fisiologia. Técnica e ética de enfermagem. Higiene Geral (1.ª parte). Noções de socorros de urgência. Noções de alimentação e dietética. Puericultura. História da enfermagem. Cruz Vermelha, suas origens e atividades. Noções sobre serviço de saúde militar. Ação de socorros da Cruz Vermelha em tempo de guerra, de calamidade, e aplicações da Convenção de Genebra. Hospitalização militar. Guerra química e defesa das populações civis contra os ataques aéreos. Transportes sanitários. Noções sobre assistência e serviço social.

2.º Ano: — Prática médica. Noções de terapêutica e de prática de farmácia. Técnica de enfermagem. Massagens. Noções de pediatria. Higiene (2.ª parte). Noções sobre epidemiologia e profilaxia das moléstias transmissíveis. Microbiologia. Noções de radiologia e fisioterapia, suas aplicações.

3.º Ano: — Prática cirúrgica. Noções de cirurgia de guerra. Prática de especialidades: oftalmologia, oto-rinolaringologia e dermato-sifilografia. Técnica adiantada de enfermagem e recapitulação geral. Cuidados a domicílio. Cuidados de obstetrícia e ginecologia. Organização e administração hospitalar. Saúde Pública. Noções de higiene mental e psiquiatria.

Número de diplomadas nesse Curso: — 300.

CURSO DE SAMARITANAS

No Curso de Samaritanas já foram diplomadas 500 alunas. Êsse Curso, que funciona regularmente, é destinado às pessoas que, não desejando exercer a profissão de enfermeira, visam, somente, preparar-se para qualquer eventualidade, em que possam ser úteis à comunhão social.

Duração do Curso: — Um ano. E' teórico-prático, sendo o seu programa exatamente o do 1.º ano do Curso profissional.

Regimen do Curso: — Externato.

CURSO DE VOLUNTÁRIAS SOCORRISTAS

Iniciado por ocasião da declaração da guerra na Europa, com o fim de formar pessoal no mais curto prazo possível, êsse curso é chamado ainda de Emergência ou de Primeiros Socorros. Como o de Samaritanas é também um Curso Voluntário. O número de diplomadas é de 3.000 aproximadamente.

Duração do Curso: — Três meses. E' teórico-prático, constando o programa das matérias de socorros de urgência, técnica de enfermagem, Cruz Vermelha, origens e ati-

vidades, serviço de saúde em campanha e defesa das populações civis.

Regimen do Curso — Externato. As alunas comparecem à Escola para assistir às aulas teóricas e para os estágios nos ambulatórios do Hospital, no mínimo duas horas em três vezes por semana.

OS TÍTULOS DE SAMARITANA E DE VOLUNTÁRIA SOCORRISTA

Os títulos de Samaritana e de Voluntária Socorrista não facultam o exercício remunerado de atividade profissional, permitindo às suas portadoras, apenas, o trabalho voluntário. As Samaritanas e Voluntárias Socorristas constituem o Corpo de Auxiliares Voluntárias da Cruz Vermelha, ao qual prestarão, em caso de guerra ou de calamidade pública, serviços voluntários.

O elemento que acorre aos Cursos de Samaritana e de Voluntárias Socorristas é, na sua grande maioria, proveniente das altas camadas sociais. Em face da situação de guerra que atravessamos, êsses cursos foram procurados por muitas funcionárias públicas, professoras, comerciárias, etc.

DIREÇÃO DA ESCOLA

A direção da Escola é exercida por um médico, que tem como auxiliares diretos a assistente técnica e a secretária da Escola, respectivamente para as partes técnica e administrativa.

O ensino está entregue a competente corpo de professores que contam com o auxílio das monitoras para a repetição dos pontos, ministrando estas, ainda, as aulas práticas de enfermagem relativas às teóricas dadas nas diferentes cadeiras. As monitoras são orientadas pela assistente técnica. Além desse trabalho, estas dirigem e fiscalizam o estágio prático das alunas, que é feito nos diferentes serviços do Hospital da Cruz Vermelha.

A assistente técnica e as monitoras são em sua quase totalidade Irmãs da Comunidade de S. Vicente de Paulo, tôdas enfermeiras profissionais diplomadas pela própria Escola.

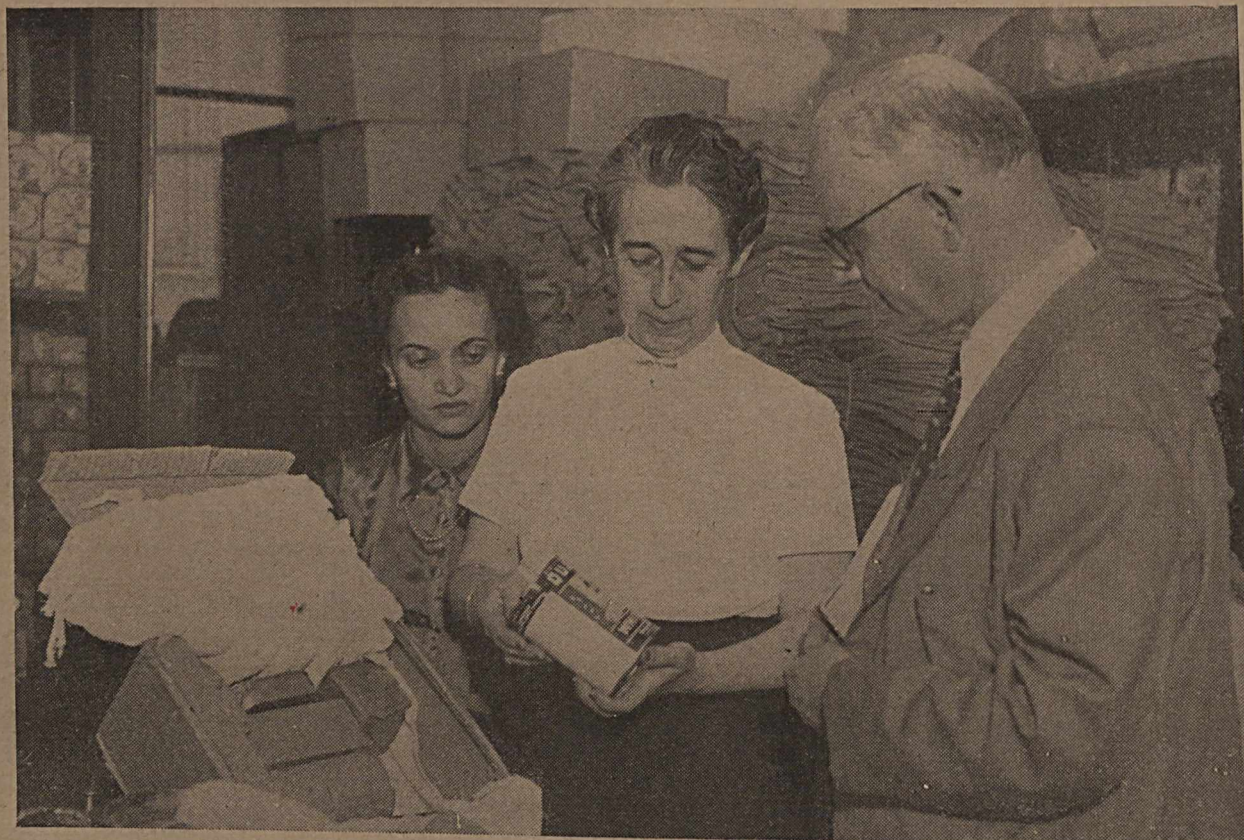
Segue a relação e organização dos quadros de pessoal técnico, administrativo, professores, monitoras e outros auxiliares:

Diretor da Escola — Gen. Dr. Alvaro de Paula Guimarães.

Assistente técnica do Curso de Enfermeiras — Irmã Margarida Villac.

Secretária da Escola — Ersina Maia Barcelos.

Professores — Drs. Afonso Cândido Teixeira, G. Souza Pinto, João Cardoso de Castro, Luiz Murgel, Agenor Mafra, Walter Joaquim dos Santos, Waldemar do Prado



A Sra. Zélia de Sousa, chefe da Secção de Socorros de Guerra, mostra ao nosso redator o conteúdo de um *colis* que vai ser remetido.

Leite, Alfredo Sapucaia, Alim Pontes de Carvalho, Carlos Sudá de Andrade, Moacir Renault Leite, Ruy Rolim, Renato Machado, Caramurú de Medeiros, Luiz Campos Melo, Júlio Patesnostro.

Sras. Cassilda Martins e Clara Curtis.

Instrutora — Irmã Odila Lima.

Monitoras — Irmãs Maria Gama, Zoé Carvalho, Angela Guerra, Marta Teles, Elisabeth Osório, Teresa Campanha, Genoveva Altoé e Sras. Irene Cotegipe de Miranda, Judite Figueiredo, Arletê Melo e Antonieta Ferreira. As irmãs têm como superiora a Irmã Catarina Pinheiro.

Auxiliar da Secretaria — Carmen Mendes Pereira da Silva.

Primeira turma de Enfermeiras Voluntárias (1916)

Sras.: Condessa de Souza Dantas, Miranda Jordão, Luzia de Matos Bandeira, Henriqueta Capanema, Idália de Araújo Porto-Alegre, Rosa Lage Braga, Helena Souza Lage, Maria Eugênia Celso, Maria Bonjean, Maria Luíza A. Neves, Carneiro Rocha, Judite Jitahy Alencastro, Heloisa Loureiro Leal, Annie Illot, Katie Uslander, Helena Lima e Silva, Ruthe Heintz e Castro Silva.

Primeira turma de profissionais (1917)

Jandira Condeixa de Azevedo, Maria Rollemberg da Cruz, Maria Magalhães Ducasble, Dina de Oliveira Monteiro, Alzira Girardot, Olga Penélope Rivelli, Eva Van Endem, Irany B. de Araújo.

Professôres — Drs. Estellita Lins, Amaury de Medeiros, Carlos Eugênio Guimarães, Getúlio dos Santos e Ferreira do Amaral.

Turma de profissionais (1943)

Angela Lameiro, Dea Dália Vieira, Elzida R. dos Santos, Francisca Judite Veras de Souza, Gracieta Machado Sandim, Halina Gorniak, Ilka Ferreira de Araújo, Irmã Geralda Soares de Menezes, Julieta de Almeida Chalegre, Jorge Vicente Pereira, Kesai Nuzirkami, Lídia Machado, Laura da Silva Duarte, Lourdes Bergome Cozendry, Lucília F. Pinto, Lucrécia Denegri Tirakask, Maria José Costa, Masaye Miyashita, Maria Inês Soares, Nair Vieira da Costa, Raimunda Santos, Yeda Leite Ribeiro Moulin, Wanda Gorniak, Zulmira de Jesus Lucena, Cetriza Maria de Siqueira.

Alunas que conseguiram bolsas de estudos no estrangeiro

Rosa Rabelo, na Inglaterra; Sílvia de Souza Barros, na França; Mabel Shaw e Sarah Macedo Oliveira, nos Estados Unidos.

A ESCOLA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA E O EXÉRCITO

E' oportuno ressaltar que a Escola da Cruz Vermelha Brasileira tem estreitas ligações com o Exército, como se pode verificar por este decreto e seu regulamento:

DECRETO N.º 15.147 — DE 27 DE MARÇO DE 1944

Aprova o Regulamento dos quadros de Enfermeiros e Manipuladores, Especialistas do Serviço de Saúde do Exército

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 74, letra a, da Constituição decreta:

Art. 1.º — Fica aprovado o Regulamento, que com este baixa, dos Quadros de Enfermeiros e Manipuladores, Especialistas do Serviço de Saúde do Exército, assinado pelo General de Divisão Eurico Gaspar Dutra, Ministro de Estado da Guerra.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 27 de março de 1944, 123.º da Independência e 56.º da República.

GETÚLIO VARGAS.

Eurico Gaspar Dutra.

REGULAMENTO DOS QUADROS DE ENFERMEIROS E MANIPULADORES ESPECIALISTAS DO SERVIÇO DE SAÚDE DO EXÉRCITO

CAPÍTULO I

Dos enfermeiros e manipuladores, especialistas do Serviço de Saúde do Exército, suas graduações e situação.

Art. 16. Os diplomas de Enfermeiros, de Manipuladores de Radiologia e de Manipuladores de Laboratório e Manipuladores de Farmácia, expedidos pela Escola de Saúde do Exército, bem como os das enfermeiras da Cruz Vermelha, por sua legislação subordinada ao Ministério da Guerra, serão reconhecidos idôneos em qualquer outro departamento governamental. Não ficam as respectivas escolas sujeitas à equiparação e fiscalização prevista no Decreto número 20.109, de 15 de junho de 1931, conforme já estabelecia o art. n.º 33 do Regulamento aprovado pelo Decreto n.º 21.141, de 10-3-32.

§ 1.º Essas Escolas terão fiscalização permanente da Diretoria de Saúde do Exército para onde anualmente serão remetidos os programas de ensino, elaborados pelas respectivas congregações, para a necessária aprovação.

§ 2.º Os diplomas de especialistas de que trata o artigo acima, e os da Cruz Vermelha Brasileira, facultam o exercício da profissão, no meio civil, em qualquer parte do território nacional uma vez registrados na Diretoria de Saúde do Exército.

Art. 23. Este Regulamento entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogado o aprovado pelo Decreto n.º 21.141, de 10 de março de 1932, bem como tôdas as instruções, avisos ou quaisquer prescrições regulamentares que contrariem total ou parcialmente as disposições neste prescritas.

(a) Eurico Gaspar Dutra.

(Publicado no *Diário Oficial* n.º 73, de 29-3-1944, pág. 5.493).



Correspondência preenchida em formulário adequado fornecido pela C.V.B. — Esta cena se reproduz tôdas as quintas-feiras na Secção de Correspondência. E' sempre grande a afluência de interessados em corresponder-se com parentes e amigos nas zonas de guerra.

PRECIOSA INDICAÇÃO

Linhas atrás falamos na vantagem do nosso "jornal falado", que nos possibilita, muitas vêzes, notas imprevisitas e preciosas indicações para coleta de apontamentos para estas reportagens. E por intermédio de colaboradores avulsos e espontâneos nos inteiramos de fatos sociais que desconhecíamos por completo.

Agora nos valemos de nossa colega D. Maria Luiza Dahnmann, que está sempre em forma para colaborar em nosso "jornal falado".

Nunca, porém, lhe observamos curiosidade malsã, intenção de ferir ou destruir, dar curso, enfim, a versões maldosas, a "novidades" vulgares.

— Então, Sr. Ribeiro, qual é a reportagem dêste mês?

— A Cruz Vermelha.

— Ah!, então não deixe de procurar Mme. Porto-alegre. Vou ver se me lembro de seu primeiro nome: Adélia... Idalina...

E, depois de alguns instantes de reflexão, disse-nos muito satisfeita:

— Idália de Araujo Porto-alegre! Por sinal que ela faz questão absoluta de que êsse alegre seja com a pequeno... Esta senhora formou-se na primeira turma de enfermeiras voluntárias e depois se fêz professora das

futuras colegas. Não sei se ainda está trabalhando. Uma vez fui assistir, ali na Academia de Comércio, à praça 15 de Novembro, a uma aula do primeiro curso de enfermeiras. Recordo-me bem: lá estava Mme. Porto-alegre. Se não me engano, ela chegou a receber mais tarde do estrangeiro honroso prêmio pelos serviços prestados à Cruz Vermelha. Se o senhor conseguir avistar-se com ela, verifique se isto não é exato. No dia em que visitei o curso, o Dr. Estelita Lins dava uma aula. Elegante, envergando alinhadíssimo fraque, observei-lhe a satisfação, o prazer de ensinar às moças e às senhoras suas alunas. E hoje o Dr. Estelita Lins me parece o mesmo.

E D. Maria Luiza Dahnmann assim prosseguiu:

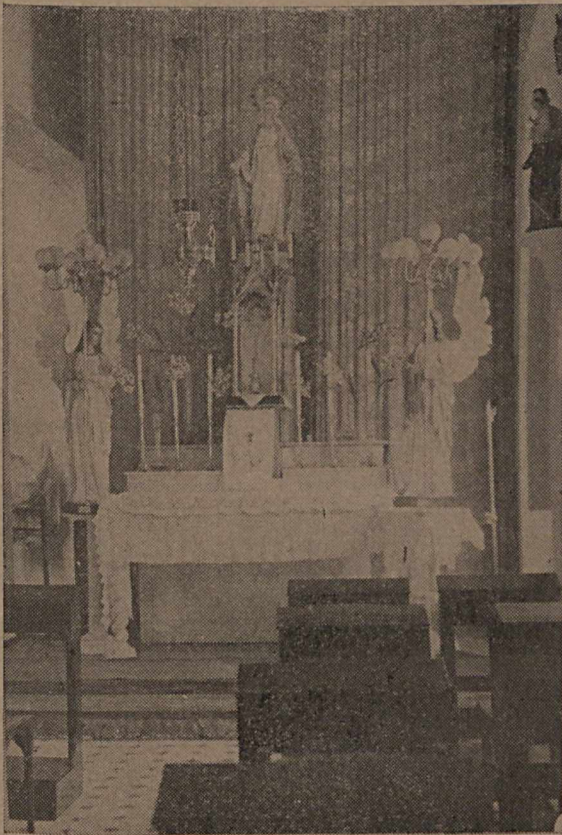
— A primeira turma de enfermeiras voluntárias saiu em 1916, curso de um ano, da qual fazia parte Mme. Porto-alegre. Em 1917 foi diplomada a primeira turma de enfermeiras profissionais, curso de dois anos, que teve como professores Estelita Lins, Getúlio dos Santos, Sousa Ferreira e outros, donde se distinguiram pelo seu preparo as alunas Flora Haynes, Carmen Pacheco, Dina Nobre e muitas outras. Trabalhavam, nessa ocasião, oferecendo àquela sociedade seu grande prestígio e colaboração pessoal, muitas senhoras da nossa alta sociedade, salientando os nomes de Heloisa Leal, Evelina Burlamaqui, Lavinia Luiz Guimarães, Maria José Nova Friburgo, Mme. Sousa Dantas, Violeta Martins, Mary Pessoa. As primei-

ras aulas foram realizadas, como já disse, numa pequenina sala da Academia de Comércio, singelamente guardada com algumas cadeiras, uma pequenina mesa e um esqueleto...

*
* *

Tomamos nota do nome da Sra. Porto-alegre e, no dia seguinte, procurávamos vê-la na Cruz Vermelha. D. Ersina, a secretária da escola, disse-nos que a Sra. Porto-alegre já estava aposentada. Entretanto, de vez em quando aparecia por lá só para "matar saudades".

— E se a atraíssemos até aqui amanhã, sob um pretexto qualquer? Podemos trazer outra vez o fotógrafo,



Capela de N. S. Maria Imaculada, na sede da C.V.B.

conversamos com ela um pouco e, naturalmente, conseguiremos informações muito interessantes para nossa reportagem.

— Posso telefonar para ela, se o senhor quiser.

— Magnífico!

.....
— Como vai a senhora? Não tem aparecido aqui nesta sua casa... Não; não custa! Amanhã? Está muito bem! Tenho uma surpresa para a senhora, mas não falo agora, não! Só amanhã! Muito obrigada! Um abraço, D. Idália!

— Pronto! Amanhã, Mme. Porto-alegre estará aqui ao meio-dia. Se lhe dissesse que era para tirar retrato

ou dar entrevista, ela naturalmente não viria. Agora, confio na sua habilidade depois..., concluiu sorrindo D. Ersina Barcelos.

REMINISCÊNCIAS

No dia seguinte voltamos à Cruz Vermelha com o fotógrafo e, enquanto esperávamos por Mme. Porto-alegre, aproveitamos o tempo visitando as diversas seções do hospital, em companhia de seu diretor, Dr. Vivaldo Palma Lima Filho. Batidos três instantâneos, voltamos à Secretaria, aguardando ali a chegada da Sra. Porto-alegre.

Não esperamos muito.

— Penso que estou na hora...

Vimos logo que se tratava de Mme. Porto-alegre, a quem fomos apresentado em seguida.

O fotógrafo escondeu a máquina cautelosamente.

— E você, Ersina, que surpresa tem para mim?

— Depois! Quando a senhora menos esperar, ficará surpreendida... Assim é que tem graça. O Sr. Ribeiro quer escrever um folheto sobre a Cruz Vermelha, no presente e no passado, e anda à cata de reminiscências, coisas de outros tempos, que suavizem um pouco a nossa história...

— Está muito bem. De fato, esta casa merece trabalho assim. Merece e deve ter mesmo sua história escrita, reveladora das lutas, dos serviços de vocês em benefício da nossa gente e também de muita gente no estrangeiro,

E, dizendo isso, a Sra. Porto-alegre, virando-se para nós observou:

— Só o Serviço de Socorros de Guerra, dirigido por D. Zélia de Souza, basta para revelar a generosidade, os sentimentos dos brasileiros, preocupados com a situação de milhares e milhares de prisioneiros em campos de concentração, à míngua de recursos, distantes da família, torturados por um mundo de incertezas... O senhor já conversou com D. Zélia?

— Ainda não.

— Pois a sua seção é atualmente das mais movimentadas. Ali o senhor vai encontrar senhoras de nossa alta sociedade trabalhando de verdade, brasileiras e também estrangeiras, tôdas animadas pelo mesmo objetivo humano: servir aos que sofrem, estejam eles onde estiverem!

E os olhinhos azuis de Mme. Porto-alegre brilharam ainda mais, a revigorar com decisão e energia seu fim de frase:

— "Estejam onde estiverem"!

— A senhora serviu à Cruz Vermelha durante muito tempo?

— 27 anos. Desde mocinha desejava estudar medicina. Educada no Colégio Sacré Coeur, de Roehampton, na Inglaterra, procurei nesse país seguir os estudos de minha predileção. Meu pai, Engenheiro Alberto José Pimentel Hargreaves, não consentiu nessa minha pretensão e depois, naquela época, era eu ainda muito moça, não tendo, portanto, idade suficiente para matricular-me em escola de medicina ou de enfermagem. Aos 20 anos regressei ao Rio de Janeiro, onde havia nascido em 1880.

Como vê — disse-nos sorrindo a distinta senhora — já passei dos 65 anos...

— E que nos pode dizer da Escola da Cruz Vermelha Brasileira?

— Bem, seu comêço foi assim: Em 1914, no início da outra grande guerra, passou aqui pelo Rio a Sra. Anita Garibaldi, da Cruz Vermelha Italiana. Estranhou ela — e com razão — que a nossa Cruz Vermelha não dispusesse ainda de uma escola só para enfermeiras, como outras instituições semelhantes, embora já estivesse funcionando regularmente desde 1908, sem contar, entretanto, com seção feminina de enfermagem. Um grupo de senhoras de nossa sociedade resolveu então tratar da criação da escola. O assunto foi ventilado em reunião dessas senhoras realizada no edifício da Companhia Equitativa, na avenida Rio Branco. Já na segunda sessão, nesse mesmo local, foi constituído um *comité* feminino para tratar da instalação da escola, que desde seu início teve apoio do General Taumaturgo de Azevedo, então Presidente da Cruz Vermelha, e também do Dr. José Arthur Boiteux, que acharam indispensável dotar-se a instituição de enfermeiras. E ali mesmo no edifício da Equitativa foi aberta a matrícula ao primeiro curso, nêle se inscrevendo as Sras.: Baronesa de Santa Margarida, Condessa de Sousa Dantas, D. Luzia de Sousa Bandeira, D. Helena Lage, Maria Eugênia Celso e outras cujos nomes assim de pronto não me ocorrem.

— E a senhora também fêz parte dessa primeira turma?

— Pois não. As primeiras aulas foram dadas na Equitativa e depois no Hospital Central do Exército, sendo primeiro professor o Coronel Antônio Ferreira do Amaral, depois substituído pelo Dr. Getúlio Florentino dos Santos. Como era muito longe o Hospital Central do Exército, cogitou-se de transferir para a cidade o curso. O Dr. Boiteux, membro da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, que tinha sede na praça 15 de Novembro, esquina de Sete de Setembro, conseguiu acomodá-lo ali. Esse primeiro curso em outubro de 1915 estava terminado, tendo nêle se inscrito trinta e tantas candidatas. Apenas 12 fizeram exames finais e 8 foram aprovadas. Lembra-me bem que se dedicaram de fato à enfermagem as seguintes diplomadas: Baronesa de Santa Margarida, Condessa de Sousa Dantas, Sras. Lima e Silva, Luzia de Souza Bandeira, Maria Luiza Aguiar, Rosa Lage Braga e eu.

— Mas esse primeiro curso foi apenas de um ano...

— Sim, não havia ainda Cursos de Enfermeiras Profissionais, em três anos, o qual foi inaugurado a 20 de março de 1916, ali no mesmo local, sendo professores os Drs. Getúlio dos Santos, Estelita Lins e Dr. Souza Ferreira, hoje General. Tinham êsses mestres como auxiliares eu e a Sra. Rosa Lage Braga. Terminaram esse curso apenas oito alunas, que constituíram a 1.^a turma de enfermeiras profissionais da Cruz Vermelha do Rio de Janeiro.

E, apontando-nos um quadro de formatura, esclareceu a Sra. Porto-alegre:



Acidentado sendo atendido pelo Dr. Vivaldo Lima Filho no Serviço de Traumato-Ortopedia do Hospital da C. V. B.

— Ali está essa turma de 1917. Dedicaram-se realmente à profissão as Sras. Jandira Condeixa de Azevedo, Maria da Cruz e Maria Magalhães Ducasble.

— E parou o Curso de Enfermeiras Profissionais nessa turma de 1917?

— Não. Já em 3 de março desse mesmo ano se iniciava o segundo, agora em outro local: aqui ao lado, em pavilhão instalado em terreno onde depois foi construída esta sede central da Cruz Vermelha Brasileira.

— E a senhora continuou a ensinar também na Escola?

— Sim, até 1935. Ensinava administração hospitalar, civil e militar, e dietética.

— E as turmas eram sempre numerosas?

— Nem sempre. Ora tinham dez, ora doze alunas. E uma vez chegou a contar apenas duas alunas, que, por sinal, tinham o mesmo nome: chamavam-se Lídia — a Lídia Faria e a Lídia Salgado. Esta última foi depois para a Escola Ana Nery, onde fez o seu curso de enfermeira visitadora.

— E seus serviços na Cruz Vermelha, fora da Escola?

— Nas enfermarias, eram de fiscalização de aprendizagem prática das alunas da Escola. Trabalhei sete anos na Profilaxia da Tuberculose, no Dispensário de Botafogo, à rua General Severiano. E aí fiquei doente, sendo forçada a passar uma temporada em Correias.

— D. Maria Luiza Dahnmann falou-me que a senhora recebeu há tempos uma medalha de grande significação...

— Mas não vale a pena falar nisso...

— Bem; seria grande gentileza de sua parte se me quisesse valorizar ainda mais esta entrevista, fornecendo-me alguns esclarecimentos a respeito.

A esta altura de nossa conversa, a senhora Ersina Barcelos interveio para nos dizer que guardava sempre com especial carinho um recorte d'A. Noite, no qual se lê a notícia dessa condecoração da Sra. Porto-alegre e que naturalmente não havia inconveniente se nós reproduzíssemos a mesma notícia em nosso trabalho...

— Dessa forma, o senhor e a Ersina não me dão uma trégua!

E o recorte nos foi cedido pela gentilíssima D. Ersina e, como também ao leitor da *Revista do Serviço Público* deve interessar inteirar-se de seu texto, aqui vamos transcrevê-lo na íntegra, só não o fazemos quanto à gravura por se achar esta muito apagada e não permitir mais reprodução. E valendo-nos dessa circunstância conseguimos permissão da Sra. Porto-alegre para deixar o nosso fotógrafo bater mais uma chapa...

"UMA ENFERMEIRA BRASILEIRA CONDECORADA PELO COMITÉ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA

O significado dessa distinção

A distinção que acaba de ser conferida pelo Comité Internacional da Cruz Vermelha à nossa patricinha Sra. Idália de Araújo Porto-alegre, enfermeira da

Cruz Vermelha Brasileira, não envolve somente a dignatária do prêmio, nem a instituição a que pertence. Significa também uma honra para o Brasil, que teve, desse modo, a sua inclusão entre os outros onze países condecorados este ano.

Por efeito de uma doação feita, ao que nos parece, por uma princesa russa, bienalmente são distribuídas medalhas "Nightingale", pelo Comité Internacional da Cruz Vermelha, às enfermeiras que mais se distinguiram na sua missão. Para isso o Comité distribui circulares, expondo as condições a serem preenchidas pelas candidatas, fazendo depois uma rigorosa seleção entre elas.

Florence Nightingale, senhora inglesa, foi, pôde-se dizer, a iniciadora, na Europa, dos serviços sistemáticos de enfermeira, e em homenagem à sua memória é que foram instituídos esses prêmios, que já se acham no quarto ano de distribuição universal, segundo as normas aprovadas.

Foi em 1927 que o Brasil, por intermédio da C.V.B., pela primeira vez, concorreu àquele certamen internacional. E teve a ventura de ver a sua candidata galardoada, convido salientar haver sido o nosso país o único da América do Sul laureado nesse concurso.

Este ano as medalhas "Nightingale" foram conferidas às candidatas dos doze países seguintes:

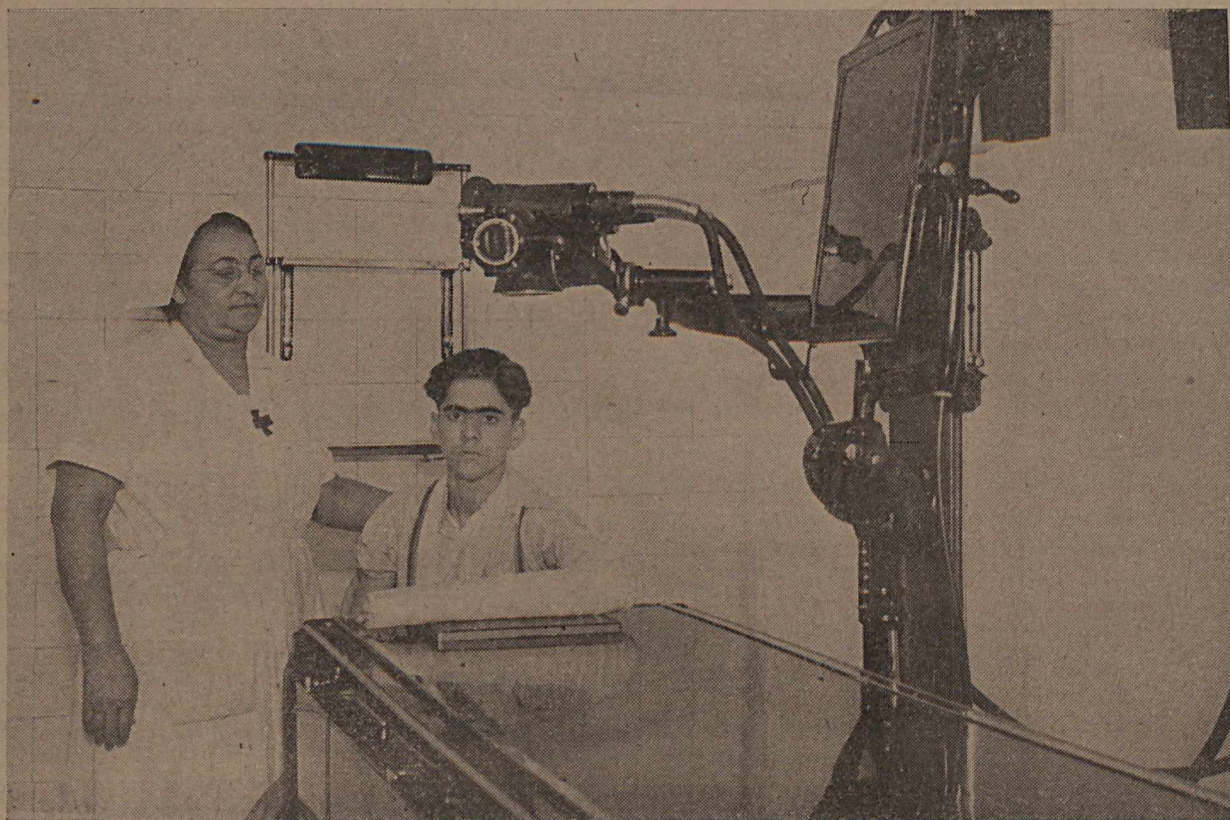
Alemanha — Mlle. Maria Viehauser; Bélgica — Mlle. Eugênia Henry; Brasil — Mlle. Idália de Araújo Porto-alegre; Estados Unidos — Mlle. Alice Fitzgerald; França — Mlle. Alice Krug; Grã-Bretanha — Mme. Sidney Browne; Grécia — Mlle. Angélica Phikiori; Hungria — Mme. Alice de Ibranyi; Itália — Marquesa Irene de Targiassi Giunti; Japão — Mme. Tamaki-Ei; Lituânia — Mlle. Anna Tchebelye; Polónia — Mlle. Josephina Dudajdk.

A Sra. Idália de Araújo Porto-alegre nasceu no Rio de Janeiro, a 24 de janeiro de 1880. Foi uma das fundadoras mais ativas da seção das Damas da Cruz Vermelha Brasileira; diplomada, em 1915, professora da primeira escola profissional de enfermeiras, criada pela C.V. Contribuiu para os socorros dos soldados belgas durante a guerra, e dedicou-se, no hospital provisório da C.V., à luta contra a pandemia da gripe, em 1918. Chamada pelo governo para fundar um dispensário anti-tuberculoso, aí contraiu a terrível moléstia, mas, curando-se felizmente do mal, pôde prosseguir na sua tarefa, tornando-se depois enfermeira-chefe do serviço ambulatório do Instituto Médico da C. V. B., inaugurado em março deste ano.

Estes são os dizeres constantes da sua fé de ofício, registrados pelo Comité.

Além das doze nações acima, outras também se candidataram, para conseguir a honrosa distinção."

Não podendo mais ocultar o que tão de perto lhe dizia respeito, a Sra. Porto-alegre resolveu surpreender-nos agradavelmente mostrando-nos a valiosa medalha, que retirou da bolsa.



Acidentado que vai ser radiografado no Gabinete de Radiologia do Hospital da C.V.B.

No verso traz esta inscrição :

"Memoriam Florence Nightingale. 1820-1910 A. D."

No reverso :

"Provera Misericordia et Cara Humanitate Perennis Decor Universalis."

Ao centro :

"Mme. Idália de Araújo Porto-alegre — 12 maio 1927."

A medalha se acha prêsa a um laço de fita branco-vermelho, tendo ao centro uma cruz vermelha de esmalte.

E, a propósito dessa medalha, disse-nos Mme. Porto-alegre :

— A Cruz Vermelha Internacional instituiu êste prêmio que, a princípio, só podia ser conferido de dois em dois anos e só a doze enfermeiras do mundo inteiro. Depois passou a ser anual e extensivo a 36 enfermeiras.

— E aqui na Cruz Vermelha teve a senhora funções fora das enfermarias?

— Fui secretária da Escola de 1929 a 1935 e nessas atribuições observei o interesse de nossas moças pelo estudo de enfermagem, indagando com frequência das condições de matrícula e outras. As da alta sociedade preferem ser apenas samaritanas e as de condição mais modesta querem ser mesmo enfermeiras profissionais, para ganhar

melhor a vida. As de côr têm-se revelado boas enfermeiras, mas não são as preferidas em serviços particulares. Quanto às moças de recursos, de sociedade, entre estas também se têm verificado verdadeiras inclinações para a carreira de profissionais, embora procurem trabalhar inteiramente de graça, sem qualquer recompensa.

E novo esclarecimento de D. Ersina Barcelos tivemos outra vez :

— A propósito dessa revelação de interesse pela profissão nobilitante de enfermeira, temos aqui na Cruz Vermelha vários exemplos. A senhorita Ângela Lameiro, por exemplo, começou como samaritana, entusiasmou-se pela profissão de enfermagem e fez o curso completo de profissional, o qual concluiu em 1943. E no momento está ela prestando os seus serviços gratuitos em nossas enfermarias, submetendo-se rigorosamente a tôdas as exigências regulamentares. E trata-se de pessoa abastada, que poderia ter vida muito menos penosa. Assim também a Sra. Dulcelina Rudge Caldas Barbosa e Mabel Shaw, que conseguiu uma bolsa de estudos nos Estados Unidos, onde esteve com Sister Kenny, aperfeiçoando-se no tratamento da paralisia infantil. Outras chegam a estudar depois medicina, levadas pelo entusiasmo da aprendizagem de enfermagem. Outro exemplo muito expressivo : o de Irene Cotegipe de Miranda, chefe da nossa Seção Central de Enfermeiras. Fez primeiro o curso de samaritana e depois o de profissional.

E no gabinete do General Ivo Soares fomos conhecer essa esforcada enfermeira, dedicadíssima à instituição a que serve e a qualquer serviço que se lhe atribui. E a Senhorita Irene, como chefe geral das enfermeiras, usa uniforme azul e platinas com quatro galões.

Não seria de mais se a chamássemos a *Major Irene*.

Mme. Porto-alegre, voltando às suas reminiscências, teve palavras de muita simpatia e saudade para o saudoso Dr. Amaury de Medeiros, professor de clínica médica da Escola e chefe de serviço.

— Ele sempre me chamava de "minha titia velha". Como era bom e caridoso o Dr. Amaury de Medeiros! E ainda trabalha aqui seu irmão, Dr. Caramurú de Medeiros, Chefe do Serviço de Obstetrícia. Gostava muito de vê-los discutir sobre tuberculose. O Dr. Amaury era autoridade no assunto. Três grandes amigos meus: Drs. Amaury, Getúlio dos Santos e Ferreira do Amaral, que faleceram a pequeno intervalo um do outro. O Dr. Getúlio tinha verdadeiro fanatismo pela Cruz Vermelha e por todos os seus serviços. Embora disciplinador e mesmo um pouco severo em serviço, percebia-se-lhe a afeição, a amizade por todas nós enfermeiras.

— E quanto às irmãs de S. Vicente de Paulo, já eram de seu tempo aqui nos serviços da secretaria?

— Não. Começaram a trabalhar na Cruz Vermelha em 1935. A Superiora de então, Irmã Tourinho (Maria Eugênia Tourinho), foi minha condiscípula no *Sacré Coeur* de Roehampton. Eu havia passado nessa ocasião da Secretaria da Escola para a Secretaria Geral e desta para a Tesouraria. Nas minhas funções na Secretaria da Escola fui substituída a princípio pela irmã Margarida Villac e depois por D. Ersina Maia Barcelos. Agora me acho aposentada pelo Instituto dos Comerciantes e entregue só a afazeres domésticos. Costuro um pouco e faço meus bordados. Já não me preocupo mais com o relógio, como antigamente, e agora as horas passam de outra forma, sem me preocupar...

E assim terminou nossa entrevista com a distinta senhora Idália de Araújo Porto-alegre, uma grande benfeitora, de vida intensa de penoso trabalho, socorrendo aos que sofrem e animando também, com dedicação e boa vontade, os que se iniciam na nobre profissão de enfermeira.

ENFERMEIRAS, SAMARITANAS E VOLUNTÁRIAS

Florence Nightingale deixou lindo romance de ternura, bondade e abnegação, de salutar influência em todo o mundo, e sempre reproduzido nos mesmos moldes, na mesma técnica, em toda parte. No aperfeiçoamento da arte de enfermagem de nossos dias não foram absolutamente desprezados os ensinamentos originais de Florence, base atual desse serviço de assistência a feridos e mutilados, nos campos de batalha, e a vítimas de epidemias devastadoras cu a doentes comuns, nos lares ou hospitais.

E podemos nos orgulhar no Brasil da prática e extensão que os serviços de enfermagem têm tido, inspirados pelo comovedor exemplo de Ana Nery, patrona dessa modelar escola oficial dirigida pela Sra. Lais Neto dos Reis, fundada por Carlos Chagas, quando diretor da Saúde Pública no Governo Artur Bernardes.

E hoje milhares de brasileiras, no Rio, em S. Paulo e nos demais Estados entregam-se, como enfermeiras profissionais, samaritanas ou voluntárias, à prática da enfermagem, depois de frequentar cursos regulares, como os da Cruz Vermelha Brasileira, Escola Ana Nery nesta capital e outros, que funcionam nos Estados.

E fora dessas atividades temos senhoras ilustres que, depois de servir com dedicação e inteligência, em cargos de direção ou isolados, à causa da enfermagem no Brasil, não deixam de acompanhar com interesse qualquer movimento de assistência social que entre nós se inicie, seja oficial ou particular.

*
* *

HOSPITAL DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

O Hospital da Cruz Vermelha Brasileira é considerado um dos melhores da metrópole, apresentando, dentro dos seus recursos e possibilidades, os requisitos exigidos pela moderna técnica hospitalar.

O atual Diretor é o Dr. Vivaldo Lima Filho, que vem chefiando há longos anos o Serviço de Traumatologia-Ortopedia.

O Hospital dispõe dos seguintes serviços clínicos:

Serviço de Traumatologia-Ortopedia. Chefe: Dr. Vivaldo Lima Filho.

Serviço de Cirurgia de Homens. Chefe: Dr. Afonso Teixeira.

Serviço de Cirurgia de Mulheres. Chefe: Dr. Renault Leite.

Serviço de Pronto Socorro. Chefe: Dr. Mendes de Moraes.

Serviço de Oftalmologia. Chefe: Dr. Rui Rolim.

Serviço de Obstetrícia. Chefe: Dr. Caramurú de Medeiros.

Serviço de Tireóide. Chefes: Drs. Mariano de Andrade e Raimundo Brito.

Serviço de Pele e Sífilis. Chefe: Dr. Campos Melo.

Serviço de Ginecologia. Chefe: Dr. Otacílio Rolindo.

Serviço de Pediatria. Chefe: Dr. Agenor Mafra.

Serviço de Oto-rino-laringologia. Chefe: Dr. Renato Machado.

Serviço de Clínica Médica. Chefe: Dr. Dario de Aguiar.

Serviço de Urologia. Chefe: Dr. Eugênio de Souza.

Serviço de Radiologia. Chefe: Dr. Sudá de Andrade.

Laboratório de Análises Clínicas. Chefe: Dr. Pontes de Carvalho.

Gabinete de Odontologia. Chefe: Dr. João Azevedo Vilela.

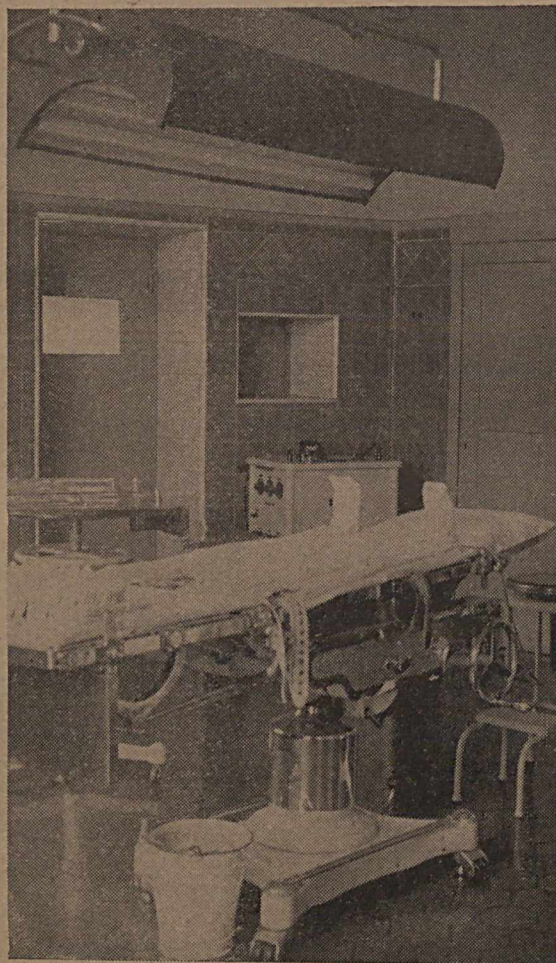
É dotado de uma boa farmácia, a cargo do farmacêutico João Sequeira Dias.

Esses serviços estão instalados no pavimento térreo e no 1.º andar, e com moderno equipamento.

No 2.º andar, encontram-se as enfermarias destinadas aos doentes dos diversos Serviços Clínicos e a acidentados do trabalho de Companhias de Seguros com as quais o hospital mantém contrato. As enfermarias têm capacidade para 94 doentes.

Essas dependências, que apresentam aspecto agradável, são bem asseadas e confortáveis.

No 3.º andar, encontram-se dois confortáveis apartamentos e 16 bons quartos de 2 leitos cada um. Alegre,



Uma das salas de operações do Centro Cirúrgico do Hospital da C.V.B.

confortável e até luxuoso, é o que se pode dizer de cada apartamento e de cada quarto, aliás de todas as dependências desse andar, sem exceção.

O centro cirúrgico do hospital, magnificamente instalado, se acha localizado nesse andar, emparelhando-se com os melhores do Rio.

Nos ambulatórios dos Serviços Clínicos são atendidos diariamente centenas de doentes e acidentados, na grande maioria gratuitamente. Uma pequena parte auxilia espontaneamente o hospital com modestas contribuições. Isto porque a grande massa se compõe de indigentes e de pessoas de poucos recursos.

As enfermarias são destinadas a enfermos indigentes e a doentes ou acidentados contribuintes, das classes menos abastadas.

Os quartos e os apartamentos são procurados por pessoas de maiores recursos.

Os doentes de enfermarias são assistidos somente pelos médicos pertencentes ao corpo clínico do hospital.

Nos apartamentos e quartos, entretanto, o regime é livre, podendo qualquer médico internar e tratar os seus doentes.

O movimento do hospital é realmente considerável e, pelas cifras adiante, se avalia o grande serviço que ele presta à população carioca, cifras relativas ao ano de 1943, colhidas como exemplo:

Consultas	— 50.376
Receitas	— 16.784
Curativos	— 44.216
Intervenções cirúrgicas	— 1.066
Aplicações elétricas	— 503
Radiografias	— 3.838
Injeções	— 28.758
Aparelhos de fraturas	— 2.976
Massagens	— 6.318
Banhos de luz	— 4.027

São cifras referentes exclusivamente ao movimento dos ambulatórios, onde foram matriculados, durante o ano de 1943, 11.942 doentes.

Durante esse ano foram internados em enfermarias e quartos particulares 2.072 doentes.

*
* *

COMISSÃO CENTRAL DE SOCORROS ÀS VÍTIMAS DA GUERRA

Na vigência da guerra mundial iniciada em 1914 a nossa Cruz Vermelha pôde revelar, através do trabalho de centenas de senhoras brasileiras, perfeita compreensão de sua finalidade social, procurando proporcionar, na medida do possível, algum lenitivo às vítimas daquela hecatombe. Essa assistência, nós já a ressaltamos, em suas linhas gerais.

Agora, volta novamente a nobre instituição a tarefa semelhante e, se houver qualquer diferença da anterior, só pode ser no maior volume de serviços prestados às vítimas da guerra atual.

Tivemos agradável impressão dos serviços da Comissão Central de Socorros às Vítimas da Guerra, instalados na sede da Cruz Vermelha. No primeiro dia em que lá estivemos só conseguimos dar trabalho ao nosso fotógrafo, que tirou um instantâneo da preparação de um "colis", entre os muitos que, com frequência, são remetidos aos campos de concentração na Europa. Não nos foi possível fazer mais nada. Já estávamos cansados de tomar notas pela casa toda e, depois, o momento não nos pareceu oportuno: era o dia de expedição de numerosos caixões contendo *colis*, e suas organizadoras não podiam desviar-se dessa tarefa, que exige cuidados e atenção especiais.

Desejamos mencionar aqui, antes de mais nada, como está organizada a Comissão Central de Socorros às Vítimas de Guerra.

Presidente — D. Cassilda Martins; Vice-presidente — D. Stella Guerra Duval; Superintendente geral — D. Zélia de Souza; Tesoureira — D. Hortência de Melo Cerqueira; e Secretária — D. Maria Coelho Rodrigues.

Voltamos dias depois à sede da Comissão e conseguimos realizar

NOSSA ENTREVISTA COM A SUPERINTEDENTE GERAL
D. ZÉLIA DE SOUZA

Em pequeno corredor, que conduz à grande sala de costuras e de preparação de *colis*, pudemos nos abancar a pequena mesa e, com relativa calma, conversar com D. Zélia de Souza.

Dizemos com relativa calma porque, de vez em quando, a nossa entrevistada precisava dar atenção a pessoas que a procuravam a todo instante, interessadas na remessa de *colis*. E chegamos a ser apresentados a um russo amabilíssimo, cujo nome não há quem possa guardar de pronto, e a circunspecto polonês, de olhar frio e gestos demorados.

E D. Zélia de Souza, ora falando francês, ora inglês, atendia aos visitantes na medida do possível, mas de vez em quando os encaminhava às Sras. Coelho Rodrigues ou Bicard.

— Est-ce que vous pouvez renseigner ce monsieur-ci?

— Ah, Sr. Ribeiro, se não fôr assim não acabaremos hoje..., disse-nos D. Zélia de Souza. Graças a Mme. Roger Bicard, encarregada dos *colis*, a minha tarefa aqui

se torna menos penosa. Sempre solícita a atender-me nas menores coisas, eu e todos nesta casa lhe sentimos o “espírito da Cruz Vermelha”, isto é, largo descortino e interesse pela assistência social, sem preocupação de nacionalidade ou religião.

— Não se aflija com isso. Já gostamos de ver aquele russo camaradão e, se pudéssemos, não sairíamos mais daqui, dêste ambiente de embaixada...

— Ainda bem! Como sabe, tôdas estas senhoras são de nossa melhor sociedade e daí a facilidade de armarem ambiente assim, mesmo em lugares modestos, como êste, em que se faz costura, se preparam *colis* e se atende ao público — pessoas de tôdas as camadas sociais. Se o senhor visse como trabalhava aqui a Condessa de Paris! Encantadora de simplicidade, tudo fazia por não se destacar dentre as demais companheiras de trabalho, retraindo-se modestamente quando percebia qualquer atenção especial para com ela. Aceitava todo serviço que se lhe distribuisse, sem nenhuma exigência ou desagrado, embora a tarefa a executar não fôsse, algumas vezes, atraente. Aliás, em trabalho como êste, que se procura espontaneamente, só pelo desejo de cooperar numa grande causa, só é de se esperar essa renúncia. Mas também não seria estranhável que houvesse qualquer restrição de pessoa assim como a Condessa... E até hoje é geral essa conduta. Ainda agora estamos recebendo a ajuda das Sras. Ministro da Holanda, W. Daniels, e Ministro da Polônia, Thaddée Skowronski, que estão aqui trabalhando para o Brasil. Observe bem: para o Brasil.

— Não devemos confiar só na memória, e tudo quanto a senhora nos disser precisa ser fielmente reproduzido.



Ambulância oferecida à C. V. B. pelos amigos e pelos Comitês Aliados de Socorro às Vítimas da Guerra



Pôsto n. 18, do qual é chefe D. Madalena Moses, e secretária Mme. Horácio Cartier. Está situado à rua General Polidoro, 89. Distribuição quinzenal de gêneros alimentícios a várias famílias nele matriculadas.

Há de observar que os nomes vão surgindo e, se não os fixar bem, escapam depois... Gostaria de publicar os nomes de todas as senhoras que trabalham aqui, nesse esforço de guerra de tão alta significação.

— Pois não. Desejo antes dizer-lhe quando foi organizada a Comissão Central de Socorros às vítimas da Guerra: em setembro de 1939. O General Alvaro Tourinho, quando Presidente da Cruz Vermelha, lembrou um dia, em reunião de diretoria, a conveniência de criar-se uma comissão assim. D. Hortência de Melo Cerqueira e D. Cassilda Martins, da diretoria, lembraram-se do meu nome para dirigir a parte de costuras desse novo serviço. E, pouco depois dos primeiros trabalhos, o General Tourinho me nomeava Superintendente geral da Comissão.

— E houve facilidade de conseguir-se a colaboração de outras senhoras para os serviços de costuras e outros?

— Imensa! Foi tal a afluência de candidatas a essa colaboração que nos vimos na contingência de organizar grupos de colaboradoras segundo a sua nacionalidade e distribuí-los em dias certos da semana. Assim é que às segundas-feiras trabalhavam as alemãs; às quartas, as holandesas; às quintas, inglesas e polonesas; e às sextas, francesas e suíças.

— E aos sábados?

— Não havia e não há expediente aqui. Trabalhamos lá no 3.º andar, de setembro de 1939 a meados de

1941, quando passamos para o 1.º andar, conservando-se a mesma distribuição de serviços, assim por dias da semana, segundo a nacionalidade das nossas colaboradoras. Com a entrada, porém, do Brasil na guerra, as alemãs cessaram as suas atividades, deixando de haver trabalho às segundas-feiras. Por outro lado, houve necessidade de dar-se nova distribuição aos trabalhos, visando países. Para o Brasil se trabalhava às terças e quintas-feiras; para a França, às sextas-feiras; e para a Holanda, às quartas, ordem essa que ainda é mantida.

— E para a Bélgica?

— As belgas trabalham para seu próprio *comité* dirigido pela Sra. Van Laken, delegada da Cruz Vermelha Belga para a América do Sul. Temos interferência nesse *comité* e mais nestes: Britânico, Francês, Polonês, Norueguês, Holandês, Suíço, Belga, Tcheco-eslovaco, Iugoslavo, Hebreu e Russo e na Fraternidade Brasileira. Não fiscalizo o *Comité* Norte-americano porque o resultado de todas as suas atividades fica aqui mesmo no Brasil.

— Em que consiste essa interferência?

— Em fiscalizar o que cada *Comité* manda do Brasil a granel ou em *colis*, a fim de constatar se não há transgressão de qualquer dispositivo legal a respeito.

— E a senhora também não nos falou na Itália...

— Nunca tivemos aqui senhoras italianas. Havia um *Comité* Italiano, na Casa d'Itália, dirigido pela Sra. Crespi

e que foi fechado logo que suspendemos nossas relações com esse país.

DE QUE CONSTA UM "COLIS"

D. Zélia de Souza passou depois a tratar dos *colis*, dizendo-nos:

— Um *colis* compõe-se geralmente disto: uma toalha de rosto, 250 gramas de sabão, 100 cigarros, uma lata de "corned-beef", um vidro de estrato de carne, um vidro de sal, uma lata de sardinha, meio quilo de café, um quilo de açúcar cristalizado diamantino, 250 gramas de bolacha Aymoré, dois tabletes de chocolate, uma lata de leite em pó, uma escôva de dentes e uma caixa de pó dentifrício. Ao todo, cinco quilos líquidos de mercadoria. A caixa de papelão que recebe essas coisas é coberta de papel betumado. Depois, oito *colis* desses são postos num caixote de madeira que se remete ao Comité da Cruz Vermelha Internacional em Genebra. Cada *colis* leva o emblema da Cruz Vermelha, a palavra Brasil e uma marca (triângulo, retângulo ou circunferência) convencional de cada país a que é destinado. Vão sempre por mar até Lisboa ou Gênova, e em navios brasileiros, quando ainda não estávamos em guerra. Depois passaram a ser despachados em navios suíços, portugueses e espanhóis.

— E esses *colis* pagam frete?

— Pagam. O Almirante Graça Aranha, quando Diretor do Lóide Brasileiro é que nunca permitiu que se cobrasse qualquer taxa pelos nossos despachos.

— E essas coisas remetidas ao estrangeiro como são obtidas?

— Com donativos entregues à Tesoureira D. Hortência de Melo Cerqueira. Algumas fábricas de tecidos e casas comerciais também têm concorrido com donativos em espécie.

CRESCE DIARIAMENTE O NÚMERO DE COLABORADORES DA COMISSÃO DE SOCORROS ÀS VÍTIMAS DA GUERRA

Últimamente não foi mais possível manter a distribuição anterior de serviços visando *países*, em dias determinados da semana, tal a afluência de senhoras interessadas em servir à C.V.B., que passaram a ser divididas em grupos de várias nacionalidades, trabalhando cada grupo uma, duas (a maioria) e três vezes por semana.

Falamos depois a uma senhora, que nos parecia sempre muito atarefada e que depois soubemos, por parte de D. Zélia de Souza, ser realmente das mais operosas e dedicadas colaboradoras da Comissão Central de Socorros, a Sra. Albert Fryhoffer, chefe da seção de costuras, e que nos forneceu a relação de tôdas essas senhoras e senhoritas, da qual extraímos os seguintes nomes:

Senhoras: Gen. Ivo Soares, Gen. Paula Guimarães, Cabral Guimarães, Salem, Libérale, Hargreaves, Faro, Dutra, Aragão Merian, Reis Barcelos, Neves, Pinto Esteves, Joana d'Arco Silvado, Martins Pacheco, Maria da Concei-



Distribuição de gêneros pelo mesmo pôsto. Aspecto tomado da rua.

ção, Shwronlh, Rudge, Mórás, Grand Turin, Harder, Heronneaud, Haupt, Izard, Macham, Perin, Chauvières, Lezan, Lamotte, Dunoyer, Klotz, Marcel Levy, Guedon, Layolle, de Romanet, La Saigne, Watel, Lucien Bernheim, Hubert Bernheim, Dreyfus, Wolf, Worms, Malerne, Deschamp, Bicar, Guerrero, de Roure Mariz, Samson, Depalle, Kemper, Scriven, Lambert, de Waer, Domenic, W. Daniels, Thaddée Skowronski, Kassen, Politis, Leuba, Siegnst.

Senhoritas: Maria Coelho Rodrigues, Clara Merian, Luequin, Squier, Burns e Davies.

ANEXOS

Cresceram de tal forma os trabalhos da Comissão, que esta precisou criar "Anexos", em vários pontos da cidade, a fim de poder dar cabal desempenho à tarefa que lhe incumba.

Esses Anexos são os seguintes:

N. 1 — Dirigido pela Sra. Ary de Almeida e Silva — Igreja da Santíssima Trindade, à rua Senador Vergueiro (costuras).

N. 2 — Dirigido pela Exma. Viúva Ildefonso Dutra — Rua Voluntários da Pátria n.º 317 (costuras).

N. 3 — Dirigido por Mme. Luiz Betim Paes Leme — Avenida Oswaldo Cruz n.º 115 (ataduras).

N. 4 — Dirigido por D. Elza Barroso — Automóvel Clube do Brasil (Pensos e costuras).

N. 5 — Dirigido pela senhorita Lourdes Fernandes — Praia do Flamengo n.º 158 (costuras).

N. 6 — Dirigido pela Sra. Maria Rousseau — Rua Menna Barreto n.º 14 (*colis*).

N. 7 — Dirigido pela Sra. Aires da Fonseca Costa — Av. Portugal n.º 22 (costuras).

Os Postos da Cruz Vermelha que têm trabalhos de costura vêm auxiliando, também, de forma apreciável, à Comissão dirigida por D. Zélia de Souza.

Quase todo o trabalho de costuras e bandagens é para o Serviço de Saúde do Exército.

Escolas municipais da Prefeitura e também colégios particulares têm também oferecido sua cooperação, trabalhando em *tricot* para agasalhos das forças de terra e mar.

O material de costuras do Exército é todo fornecido por este. Entretanto, a C.V.B. tem feito por sua vez donativos ao Serviço de Saúde do Exército e aos hospitais da Prefeitura, aos quais, só de uma vez, ofereceu quatro mil peças.

E, quando deixávamos a seção de costuras e *colis* da Comissão Central de Socorros, D. Zélia de Souza teve oportunidade de ressaltar-nos o apoio que esse órgão da C.V.B. tem tido do Presidente General Ivo Soares, sempre disposto a animar todas as suas iniciativas, não encontrando nunca qualquer empecilho para fazê-lo. — Cordialíssimo, acentua bem D. Zélia de Souza, o General Ivo Soares consegue compor nesta casa magnífico ambiente, clima saudável, que permite suavizar o trabalho em qualquer de suas seções.

E, assim, tendo palavras de sincera simpatia e admiração para quantos servem com entusiasmo à C.V.B., D. Zélia de Souza não se esqueceu ainda de enaltecer a operosidade da Vice-Presidente da Comissão, Sra. Stella Guerra Duval, que desde o início da guerra, em 1939, chefia também o Serviço de Correspondência.

SOCORROS DE GUERRA NACIONAL

Quadro de material confeccionado por esta Comissão de agosto de 1942 a 31-8-44

Artigo	Doação ao Exército	Doação à Prefeitura	Doação à Reserva pa. a guerra	Total
Bandeiras de Neutralidade .	360			360
Bandagens	1.068			1.068
Bavettes	40			40
Blusas (Médico Cirurgião e Enfermeiro) .	800		410	1.210
Braçais	970			970
Camisas (operados e doentes)			751	751
Campos operatórios	100			100
Colchas			200	200
Fronhas		2.000	756	2.756
Gorros p. Cirurgião	200			200
Lençóis	100	2.000	712	2.812
Máscaras	40			40
Toalhas	680		3.140	3.820
Totais	4.358	4.000	5.969	14.327
Sweaters	1.000			1.000
	5.358			15.327

Roupa confeccionada com material fornecido pela Saúde do Exército:

Lençóis	7.935
Fronhas	7.935
Roupões	5.020
Total	20.890 peças

Remessas de remédios para diversas regiões militares

5 Caixas em 15-2-44 para Fernando de Noronha
5 Caixas em 15-2-44 para Belém do Pará
5 Caixas em 7-3-44 para Fortaleza — Ceará

Socorros enviados aos brasileiros prisioneiros na França

2 Remessas 115 *colis*, 167 caixotes com 12.000 quilos.

N.B. Esta remessa está incluída nas remessas a granel do ano de 1943.

100.000 penses individuais confeccionados para o Exército Nacional.

Relação dos socorros enviados aos prisioneiros de guerra em *colis* individuais

Ano de 1941

Data	Vapor	Quilos
5- 5-41 — Bagé		9.624
24- 6-41 — Santarém		25.566
25- 7-41 — Bagé		18.172
20- 8-41 — Siqueira Campos		7.158
20- 9-41 — Cuiabá		29.818
3-10-41 — Bagé		12.842
4-11-41 — Ciqueira Campos		11.832
7-12-41 — Bagé		18.760
Total bruto		133.772

Ano de 1942

5- 2-42 —	Ciqueira Campos	10.386
25- 3-42 —	Bagé	8.118
7- 5-42 —	Cuiabá	11.388
7- 9-42 —	Bagé	29.820
1- 9-42 —	S. Sergue	19.224
3-12-42 —	Eiger	25.748
		<hr/>
	Total bruto	104.684

Ano de 1943

7- 2-43 — Nyassa	2.100
8- 4-43 — Eiger	24.600
9- 7-43 — S. Sergue	37.870
19- 7-43 — B. Esperanza	23.686
1- 8-43 — C. Prior	31.300
12-10-43 — C. de Hornos	30.075
1-11-43 — B. Esperanza	20.709
20-12-43 — Luso	6.248
<hr/>	
Total bruto	176.588

Ano de 1944 até a presente data

20.309 — <i>Colis</i>	126.875
---------------------------------	---------

N.B. Cada *Colis* contém 5 quilos líquidos de alimentos.

Relação de mercadorias enviadas a granel para o Exterior
Ano de 1940

Remessas : 78
Volumes : 1.525
Pêso : 206.696 quilos

Volumes em sacas :

919 sacos de açúcar
415 sacos de arroz
450 sacos de café

Ano de 1941

Remessas : 81
Volumes : 3.388
Pêso : 281.130 quilos

Volumes em sacas :

1.438 sacos de açúcar
326 sacos de café
28 sacos de arroz
4 sacos de feijão

Diversos :

200 de leite em pó
20 barricas de mate
4 caixas com víveres
3 caixas de cigarros

Ano de 1942

Remessas : 53
Volumes : 5.272
Pêso : 340.774 quilos

Volumes em sacas :

690 sacos de açúcar
300 sacos de café

Ano de 1943

Remessas : 66
Volumes : 4.218
Pêso : 665.075 quilos

Ano de 1944

Volumes : 2.277
Pêso : 112.220 quilos

Socorros enviados à República Argentina

Data — Artigo — Pêso

18-1-44 — 1 caixa de medicamentos	
1-1-44 — 2 caixas de roupas	
19-1-44 — 4 caixas bandagens — 64 quilos	
25-1-44 — 4 caixas de roupas	
25-1-44 — 2 caixas de bandagens — 32 quilos	
25-1-44 — 5 caixas de penso de gaze — 40 quilos	
1-2-44 — 2 caixas de roupas	

OS POSTOS DA CRUZ VERMELHA

Além dos serviços que mantém em sua sede, na Esplanada do Senado, conta a Cruz Vermelha com vários postos localizados no centro e em arrabaldes da cidade. São subordinados à Comissão Central de Postos, dirigida por D. Irene Cotegepe de Miranda.

Na Secretaria da Escola de Enfermeiras, onde havíamos entrevistado a Sra. Idália Porto-alegre, falamos dias depois com D. Irene Cotegepe de Miranda sobre as atividades dos Postos.

Procuramos saber de início quantos postos estão em funcionamento; foi esta sua informação :

— 25, sendo que alguns trabalham diretamente para a Comissão Central de Socorro, em confecção de roupas, para o Depósito de Material Sanitário do Exército e também para o Destacamento Militar de Fernando de Noronha.

— De que natureza são as relações dos Postos com a Comissão Central de Socorros?

— Como sabe, muitas senhoras de nossa sociedade, samaritanas e socorristas da C.V.B., comparecem aos postos e nêles trabalham diariamente, pela manhã ou pela tarde, na confecção de bandagens e roupas destinadas às nossas forças expedicionárias e também a prisioneiros de guerra no estrangeiro. Para êstes são remetidos apenas bandagens. Há, entretanto, postos que além dessas atividades entregam-se a outras diferentes.

— Se não lhe fôsse penoso, gostaria de saber quais são essas atividades...

— Pois não. Desejo, porém, acentuar que, citando um ou outro, não quero dizer com isso que não devam ser levados muito em conta, de um modo geral, os trabalhos de todos os postos. Além das informações que deseja, vou mandar vir a relação dos nossos Postos, contendo os nomes de nossos colaboradores que os chefiam e os locais onde funcionam.

E em seguida nos foi entregue essa relação, que publicamos mais adiante.

— Agora, podemos prosseguir, disse-nos D. Irene Cote-gipe. O posto 4, por exemplo, situado à rua Prudente de Moraes n.º 560, em Ipanema, e dirigido por D. Reine Rutledge, dispõe de cantina e laboratório, para distribuição de sopas e leite a crianças e fornecimento de serviços médicos. O Posto 7, sob a chefia de D. Irene Menna Barreto, conta com uma cantina seca, isto é, cantina que só distribui gêneros. Quarenta famílias pobres do bairro de Engenho Velho estão sendo beneficiadas por êsse posto, que tem sede em prédio contíguo à igreja de São Francisco Xavier, cedido, em parte, pelo vigário da paróquia Monsenhor Mac Dowell da Costa. Semelhante a êsse posto, em serviços, é o da rua General Polidoro, n.º 95, o posto n.º 18, dirigido pela Sra. Madalena Moses, esposa do Dr. Herbert Moses, e secretariado pela Sra. Horácio Cartier. Funciona em casa cedida pelo Diretor d'O Globo, Sr. Roberto Marinho.

— Eis aí excelente demonstração de simpatia e de interesse da boa gente da imprensa pela Cruz Vermelha Brasileira...

— Não há dúvida, e seu concurso nos é muito valioso. Mas, como estava dizendo, o posto 18 dedica-se a proporcionar auxílio às famílias de nossos convocados e também aos pobres de Botafogo, por meio de fornecimento de gêneros de alimentação, roupas de crianças e enxovais para recém-nascidos. As duas seções principais dêsse Posto se distribuem entre a cantina seca e a confecção de roupas, chefiando êste último serviço as Sras. Manoel Gonçalves e Joaquim Ramos e Sra. Atilio Peixoto. O Posto 10, à Avenida Copacabana n.º 656, dirigido pela senhorita Laura Gouveia Vieira, é dos mais interessantes pela sua expressão social. Quero referir-me às suas atividades no morro da Babilônia, em Copacabana, cujos moradores são freqüentemente visitados pelas socorristas do posto. Nessas visitas elas se põem em contato com doentes impossibilitados de

se locomover, dando-lhes gêneros e medicamentos. De 1 a 31 de maio dêste ano, distribuiu o Posto 10 quase quatorze contos e em gêneros e utilidades 1.263 cruzeiros. Para as forças expedicionárias enviou navalhas e giletes no valor de 12.500 cruzeiros. O Posto n.º 2, dirigido pela Sra. Doutor Alvaro Pereira distribui larga messe de benefícios e chega mesmo a auxiliar outros postos que se encontram em dificuldades.

— Como residimos na Glória e passamos sempre pelo posto 23, ao lado do Hotel Suíço, gostaríamos de saber de que natureza são os seus serviços...

— Tenho aqui à mão o relatório subscrito pela sua diretora, D. Laura Magalhães de Melo, referente ao período de 28 de novembro de 1942 a 28 de novembro de 1943. Vou ler apenas o que possa, talvez, ser de interesse para sua reportagem, no tocante aos trabalhos realizados por aquêlê posto:

a) a confecção de treze mil pensos, para o Laboratório Central do Exército;

b) quinhentas fronhas para as Forças Expedicionárias Brasileiras;

c) cem bolsas para as enfermeiras que representaram a Cruz Vermelha na parada de 3 de setembro do corrente ano;

d) três uniformes completos para um servente da Cruz Vermelha, consoante o pedido em carta do Exmo. Sr. Diretor da Comissão Central dos Postos, que se acha arquivada na secretaria dêste posto;

e) quinhentas peças de roupas para serem distribuídas pelos nossos pobres, nas próximas festas do Natal.

O ambulatório fêz isto:

a) novecentas e sessenta e oito injeções intra-musculares;

b) cento e vinte injeções endo-venosas;

c) nove soros;

d) quinhentos e sessenta e dois curativos;

e) cento e dois auto-hemos;

f) cento e quarenta auto-locus;

g) uma transfusão de sangue;

h) trinta e sete aplicações de raios infra-vermelhos, cujo aparelho foi só adquirido há pouco mais de um mês e dias.

Criou-se também neste posto uma seção de dietética inteiramente grátis, para ser ministrada aos doentes que não possam cumprir as prescrições médicas por falta de recursos.

São igualmente fornecidos gratuitamente todos os exames de laboratório, aplicações de raios X, remédios, curativos, etc.

Devemos dizer que a manutenção dêste posto é grandemente auxiliada por donativos particulares e pela valiosa cooperação de cento e cinquenta sócios que contribuem desinteressadamente desde um cruzeiro até maiores quantias.

E D. Irene Cote-gipe, percebendo-nos o interesse pelo posto 23, ainda nos disse o seguinte:

— No momento a principal função do posto 23 é a de verdadeiro traço de união entre as nossas enfermeiras

expedicionárias, que se acham na Itália, e suas respectivas famílias aqui no Rio.

— De que forma se faz essa ligação?

— Tôdas as enfermeiras que foram para a Europa estão registradas nesse pòsto, não só elas como suas famílias também, que dessa forma podem se comunicar facilmente, enviando-lhes cartas e *colis*. Além das coisas que o próprio pòsto oferece e remete às enfermeiras, incumbe-se ainda de lhes mandar os objetos que os parentes queiram que lhes chegue às mãos.

E assim com estas informações sôbre o Pòsto 23, ficamos inteirados de seus serviços, bem vultosos, como se vê.

D. Irene Cotegipe ainda assim nos falou sôbre outros postos:

— Há dois postos que poderíamos chamar de *navais*. Ambos são chefiados por D. Marina Xavier. Um tem sede no Clube Naval e outro na ilha do Piraquê, na lagoa Rodrigo de Freitas. Disse bem *navais* porque lhes incumbe dar assistência às famílias dos inferiores da Marinha, estejam êles aqui ou no estrangeiro. Postos de muito movimento são os da Penha e do Meyer, chefiados respectivamente pelas Sras. Maria de Melo e Celina Poppe de Figueiredo, que atendem as populações pobres dessas duas estações dos subúrbios, por meio de suas cantinas e ambulatório, tendo ainda a seu cargo uma parte de instrução primária.

— Todos os Postos se acham situados no Distrito Federal?

— Sim. Mas há um dêles que serve de ligação entre a Cruz Vermelha e a guarnição de Fernando de Noronha, enviando-lhe cigarros, roupas, correspondência, medicamentos e até pequenos instrumentos de música. Além disso cuida das famílias dos soldados de Fernando de Noronha que ficaram aqui no Rio.

E diante da relação dos Postos que D. Irene Cotegipe nos ofereceu queríamos ainda prosseguir, mas consideramos em tempo que acabávamos assim por conseguir pormenores de *todos* êles...

— Como já disse, qualquer pòsto é eficiente e todos os colaboradores da Cruz Vermelha que nêles trabalham o fazem com amor, dedicação e inteligência. Além dêsses Postos, há os 7 *anexos*, que funcionam orientados pela Sra. Zélia de Souza, que além de chefiar os Serviços de Socorros da Guerra, aqui na sede, ainda acha tempo de cuidar dêsses outros postos. E, assim, dedicadas ao bem público como a Sra. Zélia de Souza, são as Sras. Hortência Melo Cerqueira, Stella Guerra Duval, Ana Maria Cavalcanti, Ruth Ban e outras colaboradoras da Cruz Vermelha Brasileira.

POSTOS DA C.V.B.

Pòsto n.º 1 { Chefe: D. Lygia Gouvea Raeder
Sede: Rua Araújo Pôrto Alegre, 36

Pòsto n.º 2 { Chefe: D. Isolina Pereira
Sede: Rua Tobias Amaral, 59

Pòsto n.º 3 { Chefe: D. Marina Xavier
Sede: Clube Naval

Pòsto n.º 4 { Chefe: D. Reine Rutledge
Sede: Rua Prudente de Moraes, 560

Pòsto n.º 5 { Chefe: D. Maria de Melo
Sede: Rua Gurupá, 2 — 1.º andar

Pòsto n.º 6 { Chefe: D. Gilda de Souza Amaral
Sede: Av. Venceslau Braz, 72

Pòsto n.º 7 { Chefe: D. Irene Menna Barreto
Sede: Rua S. Francisco Xavier, 75

Pòsto n.º 9 { Chefe: D. Cenira Mesquita
Sede: Tijuca Tennis Club

Pòsto n.º 10 { Chefe: D. Laura Gouveia Vieira
Sede: Av. Copacabana, 656

Pòsto n.º 11 { Chefe: D. Colete Nilson
Sede: Rua Ouvidor, 93

Pòsto n.º 12 { Chefe: D. Marina Xavier
Sede: I. Piraquê

Pòsto n.º 14 { Chefe: D. Marina Gross
Sede: Av. Rio Branco, 91, 10.º andar

Pòsto n.º 15 { Chefe: D. Celina Poppe Figueiredo
Sede: Rio Grande do Norte, 26

Pòsto n.º 16 { Chefe: Dr. Alvaro T. Dias
Sede: Rua Cândido Benício, 3.698

Pòsto n.º 18 { Chefe: D. Magdalena Moses
Sede: Rua General Polidoro, 95

Pòsto n.º 19 { Chefe: D. Alice Brasil
Sede: Campo de S. Cristovão, 115

Pòsto n.º 20 { Chefe: D. Alice Tibiriçá
Sede: Rua Marquês de Abrantes, 144

Pòsto n.º 23 { Chefe: D. Laura Melo
Sede: Rua da Gloria, 76

Pôsto n.º 24	{	Chefe: D. Leonor C. Castro
	{	Sede: Av. Graça Aranha, 29
Pôsto n.º 25	{	Chefe: D. Ginette Theunisse
	{	Sede: Morro do Cantagalo

NO SERVIÇO SOCIAL DE CORRESPONDÊNCIA

No terceiro andar, está funcionando o Serviço Social de Correspondência, dirigido pela Sra. Alberto Cavalcanti, que nêle conta com a colaboração das Sras. Ruth Ban, Maria A. Fortes, Guiomar Baldassari, Heloísa Avelino, Maria Calo, Ana Cândida Rocha e Júlia Homero Pires.

Enquanto aguardávamos a chegada de nosso fotógrafo, procuramos ver se conseguiríamos coletar os necessários apontamentos dessa seção da Cruz Vermelha Brasileira. Impossível! A todo instante chegavam pessoas ansiosas por notícias de parentes deixados na Itália, França, Polônia, etc., e, por isso, limitamo-nos a tirar um instantâneo do Serviço de Investigações e Casos Individuais, no 2.º andar. Dias depois, então, conseguimos estas notas:

O Serviço Social de Correspondência é extensivo a toda a gente interessada em corresponder-se com pessoas residentes no estrangeiro, sejam prisioneiras, ou não, abrangendo toda a população civil.

SERVIÇO DE INVESTIGAÇÕES E CASOS INDIVIDUAIS

Este Serviço envia mensagens de 25 palavras, de pessoas domiciliadas no Brasil, para ter notícia de pessoas na Europa. Essa mensagem é remetida ao Comité Internacional da Cruz Vermelha em Genebra e no verso o destinatário responde à mesma. Genebra é o ponto de irradiação dessas mensagens para todo o mundo.

Vimos uma dessas fórmulas, que havia sido expedida para Genebra em 11 de setembro de 1943 e voltado agora, em 11 de setembro de 1944. E entre estas mensagens que recebemos de retorno, vêm também as originais de lá, que, uma vez preenchidas, voltam a Genebra novamente.

Na Secretaria Geral da Cruz Vermelha, a Diretora, Senhorita Aracy Dutra Ferreira, recebia no momento em que lá estivemos dois pacotes dessas mensagens, que imediatamente foram por essa funcionária abertos. Faz-se então a primeira separação dessas fórmulas: umas são encaminhadas ao Serviço de Informações e Casos Individuais, chefiados pela Sra. Stella Guerra Durval, e outras enviadas ao Serviço Social de Correspondência.

SERVIÇO SOCIAL DE CORRESPONDÊNCIA

O Serviço Social de Correspondência executou durante o ano de 1943 uma soma considerável de trabalho. Houve o seguinte movimento:

Recebidas do Comité Internacional da Cruz Vermelha	28.486
Respondidas	7.233

Recebidas dos Estados destinadas ao Comité Internacional da Cruz Vermelha	1.202
Respondidas	781
Pedidos de notícias do Comité Internacional..	727
Respondidas	350
Pedidos de notícias do Comité Internacional..	98
Respondidas	10
Receita — Cr\$ 50.769,50. Despesa — Cr\$ 31.448,40. — Saldo para 1944 — Cr\$	19.321,10.

Serviço de Investigações e Casos Individuais

O movimento desse Serviço apresentou o seguinte volume:

Pedidos	4.722
Respostas	1.874

Serviços de Informações e Casos Individuais

Só na Capital Federal:

1941	
Mensagens recebidas	856
Mensagens transmitidas	2.028
1942	
Mensagens recebidas	390
Mensagens transmitidas	2.500
1943	
Mensagens recebidas	1.874
Mensagens transmitidas	4.722

"Revista da Cruz Vermelha Brasileira"

Em julho de 1943 apareceu a *Revista da Cruz Vermelha*, de publicação mensal durante os dez primeiros meses. O seu número doze enfeixa os correspondentes a junho e julho de 1944, passando de agora em diante a ser bimestral.

Repositório de informações sobre assuntos de assistência social, essa revista agrada e prende-nos a atenção da primeira à última página.

A Revista, que circula em todo o país, mantém constante intercâmbio com as suas congêneres de todo o mundo.

A Redação e a Administração, instaladas à Avenida Gomes Freire n.º 19, 1.º andar, estão assim organizadas:

Diretor superintendente — Dr. C. Oscar Soares

Diretor gerente — Léo Osório.

Diretor — Dr. Carlos Sudá de Andrade.

Representante em S. Paulo — Aldo Ghilardi — Edifício Martinelli, 9.º andar.

O número de junho-julho de 1944

Quando fazíamos esta reportagem foi distribuído o n.º 12 (2.ª fase) da "Revista", correspondente aos meses de junho e julho de 1944, o qual nos foi oferecido pelo General Ivo Soares.

Publica os seguintes trabalhos de colaboração:

A pequena insuficiência cortical — Paiva Junior

Gregório de Matos — Waldemar Cavalcanti

Gravidez e pouco sal — Waldemar do Prado Leite

Madame Vigée Le Brun — Sílvia Patrícia

Como foi descoberta a penicilina — Por William Holt, famoso comentarista dos programas em ondas curtas da *British Broadcasting Corporation*. Copyright B.N.S., exclusivo para a "Revista da Cruz Vermelha Brasileira".

Lembrança de Laus — Valdecir Lopes.

A Bio-Energética — Horizontes que se abrem ante nós — Prof. Felipe dos Santos Reis.

Nós teríamos sossobrado sem a Cruz Vermelha — Turner Catledge.

O noticiário é amplo, abrangendo atividades da Cruz Vermelha Brasileira, Notas e Comentários, A Cruz Vermelha nos Estados, A Cruz Vermelha pelo mundo, História da Cruz Vermelha, Teatro e Cinema, Livros e Autores, etc.

Como foi descoberta a penicilina

Como é muito interessante e oportuno o artigo "Como foi descoberta a penicilina", resolvemos transcrevê-lo aqui, esperando que o Dr. Oscar Soares, diretor superintendente da *Revista* não nos chame por isso às falas..., por se tratar de um *copyright*.

Então, com licença, vamos dar novamente a palavra ao eminente Sr. William Holt:

Tive ocasião de visitar ultimamente a mais estranha fábrica de material bélico que eu jamais vi. Trata-se de uma espécie de imenso laboratório destinado à cultura do bolor.

Todos nós sabemos o que é o bolor. Aquela matéria esverdeada que aparece nos alimentos quando expostos à umidade durante algum tempo, e da qual nos desfazemos, jogando-a fora com desprezo.

Pois bem; naquele laboratório onde estive, um corpo de médicos e cientistas especializados, com uma tropa de trabalhadores da indústria bélica, estão cultivando o bolor, tornando-o fértil, alimentando-o com os pratos de sua predileção, protegendo-o de todo mal, enfim, tratando o bolor como se este fôra um verdadeiro hóspede de honra.

A sua cultura é feita em garrafas redondas e achatadas como um queijo holandês, de 30 centímetros de largura, fabricadas especialmente para esse fim. O bolor se cria na superfície de um caldo nutritivo que contém açúcar e sais. E' preciso que se note, porém, que o bolor cultivado não é apenas uma qualquer espécie ordinária de fungo, mas uma raça especialmente selecionada do *Penicillium Notatum* Westling. Não é o bolor o que se aproveita propriamente, mas a matéria por ele excretada que fica no caldo. O bolor é jogado fora, extraindo-se então do caldo a droga considerada como a mais poderosa e eficiente até hoje conhecida para a cura de infecções causadas por bactérias ou germes, cujo nome é Penicilina.

Na guerra, a Penicilina é considerada de inestimável valor no combate à terrível gangrena, freqüentemente originada pelos ferimentos durante as batalhas. Nas experiências clínicas, várias pessoas atacadas de doenças de caráter perigosíssimo ficaram completamente curadas por meio da Penicilina, quando todos os outros medicamentos empregados já haviam falhado. Os seus efeitos no tratamento de infecções crônicas dos ossos são quase miraculosos. Inúmeras pessoas, depois de haverem passado meses e até anos na cama de um hospital, ficaram completamente curadas em algumas semanas apenas, graças à Penicilina. Esta nova droga tem sido empregada com os melhores resultados nos casos de envenenamento do sangue, pneumonia e meningite.

A história da descoberta da Penicilina, a qual talvez venha a ser a mais importante descoberta no campo da medicina, é também a mais romântica possível. Esta história principiou no ano de 1929, quando o seu verdadeiro herói, um pequenino germe do bolor, entrou inesperadamente pela janela a dentro no St. Mary's Hospital, de Paddington, em Londres, metendo-se em uma vasilha de culturas, na qual o Professor Fleming, bacteriologista do hospital, estava fazendo a cultura de alguns estafilococos, ou seja a bactéria que causa os furúnculos, os carbúnculos, as infecções crônicas dos ossos e às vezes também envenenamento do sangue de resultados fatais.

Acomodando-se entre as culturas, o germe foi se desenvolvendo, e à medida que crescia, excretava também alguma substância venenosa para as bactérias, que se mantinham a uma respeitável distância do mesmo. Entre os milhões de bactérias que cresciam e apareciam como leite sobre o vidro e o pontinho esverdeado que representava o bolor, havia uma espécie de auréola.

Observando o fenômeno, o Professor Fleming sentiu-se sobremodo interessado no referido halo. Sabia que alguma coisa estranha devia estar acontecendo. Alguma coisa no bolor, ou por ele produzida, estava, ou matando as bactérias ou impossibilitando o crescimento das mesmas.

Tomando então de um arame de platina, após tê-lo devidamente esterilizado, apanhou um pouco do bolor e colocou-o em caldo nutritivo dentro de um tubo de ensaio. Ao se desenvolver, o bolor produziu no caldo uma substância que o Professor Fleming chamou de "Penicilina", segundo a denominação do bolor, o qual havia sido identificado como sendo o *Penicillium Notatum*. As experiências feitas nas lâminas provaram ser esta a substância que impossibilitava o crescimento de certas bactérias.

Se bem que o Professor Fleming houvesse logo sugerido a possibilidade de se empregar a Penicilina como um desinfetante do sangue, sua sugestão não pôde, todavia, ser posta em prática, por se considerar impossível a aplicação da Penicilina na desinfecção do sangue, sem o envenenamento do doente, devido à existência de outras substâncias venenosas no caldo, sendo

muito difícil separar a penicilina dos venenos. Assim, a penicilina passou a ser empregada principalmente para a separação de bactérias não afetadas nas lâminas de culturas mistas.

Dez anos depois, em 1940, o Professor Florey e o Dr. Chain, de Oxford, decidiram tentar fazer a separação e a purificação da Penicilina. Auxiliados por um grupo de químicos, bacteriologistas, e clínicos, após um ano inteiro de árduos e difíceis trabalhos experimentais, conseguiram por fim o tão desejado êxito, com a obtenção de um pó amarelo que era então a Penicilina purificada.

A história da descoberta da Penicilina está correndo mundo, mas, até hoje, muito pouco se tem dito acerca da produção da Penicilina, na Grã-Bretanha, a qual já está agora alcançando um considerável volume.

A fábrica que visitei ultimamente é apenas um exemplo. Muitas outras estão sendo construídas e equipadas com a máxima rapidez possível. Frascos para culturas estão sendo fabricados às centenas de milhares, bem como todo o equipamento necessário à fabricação da Penicilina.

Primeiramente, os germes são cultivados em tubos de ensaio, em uma substância gelatinosa extraída de algas marinhas, que serve para alimentá-los. Todos esses germes são descendentes daquele minúsculo

germe que invadiu o laboratório do Dr. Fleming em 1929.

As culturas são retiradas dos tubos de ensaio e, em uma solução gelatinosa, borrifadas para dentro dos frascos que contêm o caldo nutritivo, por meio de uma pistola de pintura de ar comprimido. Dentro de poucas horas começam a aparecer sinais visíveis de bolor na superfície do caldo, e em dez dias já se terá formado uma espessa camada cinzenta cobrindo toda a superfície do líquido contido no frasco.

A temperatura nas salas dos incubadores é mantida a uma certa altura, sendo o ar gerado por meio de grandes ventiladores instalados no teto. O algodão usado para fechar os frascos serve para evitar que entrem outros germes ou bactérias, como também para a respiração do bolor.

Quando o líquido é decantado, fica no frasco a camada cinzenta, que é então apanhada e lançada fora. O líquido obtido tem a cor de cerveja preta.

Tive também ocasião de ver uma pequena ampola de vidro contendo um centímetro de um pó amarelo, que é como a Penicilina é distribuída para uso. O pó é derramado em água esterilizada, obtendo-se assim a solução pronta para ser injetada.

Atualmente, grupos de cientistas, médicos e químicos, da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e do Canadá, estão trabalhando para descobrir a composição química da Penicilina, a fim de tornar possível a sua fabricação sintética.